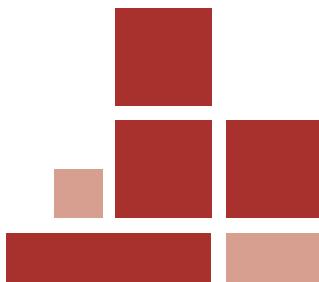




**unesco**

Instituto Internacional para  
la Educación Superior en  
América Latina y el Caribe

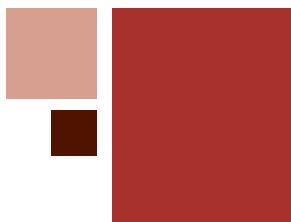


# ess:

Educación  
Superior y  
Sociedad

Vol. 37 Nro.1 (2025)

•  
•  
•  
•  
•



Artículo bilingüe:  
Portugués - Tukano



A presença dos  
Pós-Graduandos  
Indígenas na  
Faculdade de Educação  
da Universidade  
Federal do Rio Grande  
do Sul: Desafios  
e Permanências

Autor: Osmar Cordeiro da Silva  
Traductor: Duturu



REVISTA EDUCACIÓN SUPERIOR Y SOCIEDAD

2025, Vol.37 Nro.1, (en. - jun.), 322-367

<https://doi.org/10.54674/ess.v37i1.1007>

e-ISSN: 26107759

Recibido 2025-04-15 | Revisado 2025-04-16

Aceptado 2025-05-28 | Publicado 2025-06-30

## 1. A presença dos pós-graduandos indígenas na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: desafios e permanências

Po'terikâharã niísé pós-graduação Faculdade Educação Universidade Federal Dià Pahiró Siró: ieresé tohakeasé

Osmar Cordeiro da Silva \* @

Yupuri

Traducción al Tukano \*\*

\* Doutorando em Educação (pertencente ao povo Tukano) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

\*\* Duturu (Ye'pá mahsí) Educação da Universidade Federal Dià Pahró Siró, Pehtá Ekati-ró, Brasil.

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os percursos de estudantes indígenas Kaingang, Guarani, Kubeu e Tukano, em um programa de pós-graduação a partir de suas próprias leituras, desafios e perspectivas que assumem. Buscar-se-á também analisar a política de cotas e permanência para os estudantes indígenas, assim como suas lutas e conquistas, as produções de conhecimentos desde os saberes ancestrais, a relação com professores do programa e a promoção ou não do diálogo coletivo entre o conhecimento científico e indígena. As reflexões apresentadas buscam contribuir e potencializar no programa de pós-graduação as experiências, assim como refletir os obstáculos e desafios vivenciados pelos pesquisadores indígenas durante os anos de permanência na universidade, corroborando desse modo para que a universidade tenha mais abertura para o diálogo interepistêmico, mesmo que ele gere conflito. O estudo apoiou-se na metodologia colaborativa, nos fundamentos da reciprocidade e da complementaridade, da trajetória académica, permeados de documentos bibliográficos, no uso

do método da oralidade e da roda de conversa com membros dos povos indígenas. Pensar nesta direção nos parece um percurso produtivo para iniciar mudanças, pois o que se busca nos programas e nas universidades é o acesso e permanência indígena de forma respeitosa, honesta, em que possam aprender mutuamente desde a dimensão intercultural e interepistêmica.

**Palavras-chave:** Diálogo Intercultural, saberes indígenas, ações afirmativas, ensino supeiror

**Po'terikâharã niísé pós-graduação Faculdade Educação  
Universidade Federal Diâ Pahiró Siró: ieresé tohakeasé**

### **NEÊ'NO**

A'to da'rakaro wakunenesé weesé nií po'terikâharã buena ma'ani Kain-gang, Guarani, Kubeu Tukano, Programa de Pós-Graduação na bahsí papera ſyäse, cumutasékenamena keoró weé a'té. Ukunsemena anhuno hamansé Política de Cotas buena po'terikâharã tohakiaro, tohotá amekê tuhtuakê, di'pokákâharã mahsínsé ukuún katise, programa bu'égí karämena nise-tiromena ukuúsé pahnamena weése científico mahsínsemena po'terikâharã yé'ê mena. A'to wahkunsé yonsé weétamusé hamanó té programa de pós-graduação tuhtuarosa ſsá mahsínse mena. Tohotá, cumutaseré ti'ó ſyā-nasa kñ̄ diosaseré bohkakaró té kímarí universidade tohakéakaro, weétamu-nasama, toho wero universidade ukunsere pañ'ninosa pehé mahsã mahsí, ukuúamekense warosa. A'tó buero yää tuú'nopá paharã ahposémena, keorómena ukunsé dika yuú'nopá keoró a'mésio'nopá, académicos na ahpoké maáni, ohoaké punipi niwanhasé kihtí nisé tohó nikã ukunsé ahposé keonopá, paharã mena ukunsé, poterikarã mahsã keosé. Topí ti'ó diahkine ſyäkaré a'ti ma'ã anhunka tisã mehkã ninó warosa, beró programas universidadeke-na hamanasáma po'terikaharã sahánó toho nikã tohakiaro keoró ehó peoró nisa, keoró weése, nipetima mahasínasama pahaná mahsã po'terikâharã mahsínsemena.

**Uró-sáwi:** Mahsínse Ukuúsé, po'terikâharã mahsínsepê, keoró waasé, pahiró bu'eró

## The Presence of Indigenous Graduate Students at the Faculty of Education of the Federal University of Rio Grande do Sul: Challenges and Remains

### ABSTRACT

This paper aims to reflect on the journeys of indigenous students, specifically Kaingang, Guarani, Kubeu, and Tukano, in a postgraduate program, based on their readings, challenges, and perspectives. It will also seek to analyze the policies of quotas and permanence for indigenous students, as well as their struggles and achievements, the production of knowledge from ancestral knowledge, the relationship with professors in the program, and the promotion or lack thereof of collective dialogue between scientific and indigenous knowledge. The reflections presented here seek to contribute to and enhance the experiences of the postgraduate program, as well as to reflect on the obstacles and challenges experienced by Indigenous researchers during their years at the university, thus helping to make the university more open to inter-epistemic dialogue, even if it generates conflict. Thinking in this direction seems to us to be a productive way to initiate changes, since what is sought in programs and universities is indigenous access and permanence in a respectful, honest way, in which they can learn from each other from the intercultural and inter-epistemic dimension.

**Keywords:** Intercultural dialogue, indigenous knowledge, affirmative action, higher education

## La presencia de estudiantes Indígenas de posgrado en la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul: desafíos y retos

### RESUMEN

El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre los recorridos de estudiantes indígenas, Kaingang, guaraní, Kubeu y Tukano, en un programa de posgrado, a partir de sus propias lecturas, desafíos y perspectivas. También buscará analizar la política de cupos y permanencia para estudiantes indígenas, así como sus luchas y logros, la producción de conocimiento a partir de saberes ancestrales, la relación con los profesores del programa y la promoción o no del diálogo colectivo entre saberes científicos e indígenas. Las reflexiones presentadas bus-

can aportar y enriquecer las experiencias del programa de posgrado, así como reflexionar sobre los obstáculos y retos que viven los investigadores indígenas durante sus años en la universidad, contribuyendo así a que la universidad sea más abierta al diálogo inter-epistémico, aunque genere conflictos. Pensar en esta dirección nos parece una forma productiva de iniciar el cambio, ya que lo que se busca en los programas y universidades es el acceso y permanencia indígena de una manera respetuosa, honesta, en la que puedan aprender unos de otros desde una dimensión intercultural e inter-epistémica.

**Palabras clave:** Diálogo intercultural, conocimiento indígena, acción afirmativa, educación superior

### **La présence d'étudiants autochtones diplômés à la Faculté d'éducation de l'Université fédérale du Rio Grande do Sul: défis et difficultés**

#### **RÉSUMÉ**

L'objectif de cet article est de réfléchir aux parcours d'étudiants indigènes, Kaingang, Guarani Kubeu et Tukano, dans un programme de troisième cycle, en se basant sur leurs propres lectures, défis et perspectives. Il s'agira également d'analyser la politique de quotas et de permanence pour les étudiants autochtones, ainsi que leurs luttes et leurs réussites, la production de connaissances à partir des savoirs ancestraux, la relation avec les professeurs du programme et la promotion ou non d'un dialogue collectif entre les savoirs scientifiques et les savoirs autochtones. Les réflexions présentées visent à contribuer et à enrichir les expériences du programme de troisième cycle, ainsi qu'à réfléchir sur les obstacles et les défis rencontrés par les chercheurs autochtones au cours de leurs années à l'université, contribuant ainsi à rendre l'université plus ouverte au dialogue inter-épistémique, même s'il génère des conflits. Réfléchir dans cette direction nous semble être une manière productive d'initier le changement, puisque ce qui est recherché dans les programmes et les universités, c'est l'accès et la permanence des autochtones dans le respect et l'honnêteté, afin qu'ils puissent apprendre les uns des autres dans une dimension interculturelle et interépistémique..

**Mots clés:** Dialogue interculturel, savoirs autochtones, action positive, enseignement supérieur

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, abordo o ingresso dos estudantes indígenas nos espaços das universidades brasileiras, em especial na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/Brasil), nos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação. Alguns testemunhos serão dados pelos estudantes indígenas e outros serão coletados das suas referências bibliográficas (Kaingang, Tukano, Kubeu e Guarani), nas rodas de conversa e na vivência durante o percurso do curso de doutorado e com professoras do programa. O trabalho tem como objetivo contribuir para a compreensão do ingresso dos estudantes indígenas no espaço acadêmico, suas experiências, convivências, desafios e avanços no programa.

O estudo apoiou-se na metodologia colaborativa, ressignificando nos fundamentos da reciprocidade e da complementaridade, das trajetórias dos alunos acadêmicos, permeados de dados bibliográficos, bem como o uso do método da oralidade, roda de conversa realizada com membros dos povos indígenas, conectando com diferentes saberes indígenas e com os saberes ocidentais.

A presença dos estudantes indígenas nas diversas universidades brasileiras vem crescendo de forma significativa. Para Luciano, Fretas Luciano (2020), entre 2010 e 2018, foi possível perceber o crescimento das matrículas nas universidades públicas, fenômeno associado às políticas de cotas, tanto nos cursos presenciais como nos cursos da modalidade Ensino a Distância. Na rede privada,

## NÍKANO

A'to oháró, Po'terikaharã bu'ena sahánó ukunó universidades brasileiras ninó, a'tó Universidade Federal Diâ Pahîró Siró (UFRGS/Brasil), a'té bu'esehé mestrado doutorado're Programa de Pós-Graduação em Educação. Ni'kárena po'terikaharã buena ukuú tamonasama ahpé na paperaturi ohákemena (Kaingang, Tukano, Kubeu e Guarani), ukuúse be'torepi tohó niká ū'sá nisetiro neesémena na bu'esehé doutorado kahsémena programa bu'eogó numiámäna. A'to darakaro ki'o na Poterikarã buena sahánó t'i'o ya'á tamonasamaa'tó acadêmico nino, ū'sá deró mahsínsé, nisétiro, ierepeasé kena waasé tó programa né.

A'tó buero ya'a tuú'nopá pahará ahposetiró mena, keorómena ukunsé díka yuú'nopá keoró a'mésiosé, ukunsé ahposé keonopã, acadêmicos buená na ahpokê maáni, ohoakê punipí niwanhasé kihtí nisé to'o niká pahará mena ukunsé be'toripí weéké poterikaharã mahsã keosé a'mé do'o mehékã po'terikaharã mahsisé te'é pehkasahã mahsisé.

Pehê universidades brasileiras po'terikaharã bu'ena bahuasé, upeítí bikiáro toho nií werema. Luciano, Freitas Luciano (2020) nima 2010 e 2018 kĩ'mari, i'yã pã niípe'tina universidade matricula bikiakâ, políticas de cotas wero tohó wa'ápâ, na bu'erí tuku bu'eduhsé na yoaropi ni'ki bu'eduisé. Rede privada niísehe, programa de financiamento estudantil (FIES) we'éro bikiapã. Nií pe'tiro, 2017

o crescimento é atribuído ao programa como financiamento estudantil (FIES). No âmbito geral, de 2017 para 2018 as matrículas presenciais registraram uma queda de 2,1%, já de 2009 a 2018 houve um crescimento de 24,3%. De todos os grupos da diversidade, do período de 2010 a 2018, os indígenas apresentam o menor percentual de acesso, apesar dos dados registrarem aumento em relação aos anos anteriores. Os cursos presenciais da rede pública, em 2010, registraram o acesso de 0,5% de estudantes indígenas, o que aumentou para 0,9% em 2018. E na rede privada esse número aumentou de 0,4% em 2010 para 0,9% em 2018. Nos cursos EAD, o acesso indígena na rede pública aumentou de 0,4% para 0,6% de 2010 a 2018.

O direito de participar nos espaços e processos de ensino e aprendizagem está previsto na legislação, sendo assim, as políticas educacionais devem levar em conta os pressupostos que orientam a abertura plena do Programa de Pós-Graduação e as condições de igualdade, mas também o respeito às diferenças no sistema de ensino. Sempre levando em consideração o respeito à pluralidade, ao convívio e ao diálogo com e na diversidade.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como as demais universidades, teve que reconhecer outras formas e sistemas de conhecimento que devem ser merecedores de respeito e valorização. Assim, com a presença indígena, a universidade procura estabelecer o diálogo com os estudantes possuidores de outros saberes, culturas, epistemologias

tohó nikā 2018 matricula bué duhise biri dihaápā 2,1%, 2009 a 2018 kímarí bikiapā tá 24,3%. Na pehê kurari mahsā wa'tero, 2010 a 2018 kímarí, po'terikáharã pehéterakā sâhánikapã, ahpehé kí'mari diporó bikiampá. Rede pública bu'e duhise tükunipi, 2010, bikiaró yó'opá 0,5% po'terikáharã bu'ena sâhánikapã, 2018 bikiaró nimopá 0,9%. Rede privada bikiaró wa'ipá 0,4% 2010 niká tohó niká bikianimopá 0,9% 2018. EAD bu'eduisé, po'terikáharã sâhánikaró rede pública na ninó bikiampá 0,4% bikianniinopá 0,6% 2010 a 2018 kímarí.

Keoró na ninó dihkawaaro gó bu'és-bu'enosé weése a'topí duhtí wan'há ko'té, tohotá wero, políticas educacionais na níisé keoró na wahkuno miáa bosama na paänké Programa de Pós-Graduação weré kahsa bopá toho niká keoró ni'károro, toho niká mehéká ehô peoró te'é ma'änímena bu'ésé. Nipetiromena wahkuno miánó na pahanamena ehô peoró, nisétiro toho niká pahaná mahsã'mena ukunsé wero nisa.

Universidade Federal Diâ Pahiró Siró (UFRGS), ahpeye universidade mena, keoró i'yá mahsípá ahpeye pehé posetísere te'é pútí ehô peoró toho niká witisemena. Tohotá, po'terikáharã bahusé, universidade bu'enamena ukunsinina hamama, ahpeye mahsisé kyoná, na nisétisemena, epistemologia (mani diporópi mahsí miatiké) cosmovisão (diporópi ti'ó yá'a miatiké), na Pós-Graduação

e cosmovisões, que ao ingressarem na Pós-graduação fazem parte integrante da comunidade acadêmica. O acolhimento, independentemente de ser indígena ou não indígena, deve ser uma das prioridades, acompanhado pelo direito à moradia e pelo respeito pelas suas visões do mundo. Na vivência dos Tukanos, quando uma pessoa chega à comunidade, como convidado ou não, o líder é comunicado e apresentado aos demais membros, oferecendo a alimentação e a moradia aos visitantes. A reciprocidade é a condição essencial para a qualidade da relação entre os indígenas.

Para Luciano (2013), até algum tempo atrás, os povos indígenas do Brasil acreditavam que a educação escolar era um meio exclusivo de aculturação e havia certa desconfiança e repulsa à escolarização. Mas, diante das necessidades de um mundo cada vez mais globalizado, os indígenas pensam que a educação escolar, quando apropriada e resignificada por eles e direcionada para atender suas necessidades atuais, pode ser um instrumento de fortalecimento de suas culturas, identidades e outras demandas atuais. Assim como pode ser um canal possível de acesso à desejada cidadania plena e plural, entendida como direito de acesso aos bens e valores materiais e imateriais do mundo moderno.

Para Backes (2022), apesar do visível retrocesso nos últimos anos em relação às políticas de acesso de sujeitos não hegemônicos ao ensino superior, especialmente para povos indígenas, na primeira década e meia do século XXI, houve uma

sahánikana acadêmico buena wero nohta nísama. Na buenané potenisé, keoró niisé po'terikáharã na pekasáha wero nohta, a'té anhuno weése nií, kaninómema keoró ba'pâti, toho niká ímikóho kahsé mahsisé ehô peoró. Ŧ'sã Dahsea niisehétisehé're, ni'kí mahsí mahká ehta káré, biki wiôgí werê nasama kří pé ahpé nané yō'o same, ba'ahasé o'ókisame toho niká kří niató. Po'terikaharã na díhkawaasé anhuno na mahkani nisétiro nisa, na amení oó toho niká yē'ẽ weésé na mahkani na toho weká anhuum.

Luciano (2013) sisé Kimari, Brasil ré Po'terikaharã mahsã pekasáha bu'ese ehô peotipá nanhé mehtá niísá toho weená bu'esehé 'ré ekatiró manipá tisatipá. Toho wero ímikóho díhka yuru mena, po'terikaharã wahkünpã pekasáha bu'ese, ti'o ya'ã wepã tere anhuno mena da'ra mahsiká keoró wa'asehé nisa, toho wero mani yē'ẽ mena tuhtuatamo weesé nisa a'té nímí píré. Tohotá mani keoró weká sahánó nimisa pahaná mahsã mena keosé, diakikase anhuúsé keobosá na mahsã darakaro toho niká deró weenosé a'té ímikóho kahsé.

Kê Backes (2020), té kímarí nií ti'osé ñamikata dustisé wapã na política mahsã sahánikano keóro waá tipá buero ímiaro, po'terikaharã toó wapã, té kímarí nimitasé tohó niká século XXI dehcoré, democratização waápã bueró ímiaroré sahánikano, política de ação afirmativa weró. Tohó weró duhkayusé waápã universidade're, kihtí ti'okaré pehekasáré pítí weétamunopã.

democratização do acesso ao ensino superior, em parte devido às políticas de ação afirmativa. Isso provocou transformações na universidade, que historicamente valoriza apenas a cultura hegemônica. Nesse processo, os movimentos indígenas se destacaram, trazendo seus saberes para a universidade e, também, tornando esse espaço um espaço de luta, valorização e afirmação de suas culturas e identidades.

A Lei de Cotas (12.711/2012) gerou grande avanço e serviu de base para cobrar os direitos, mas também é o caminho para que o estudante indígena possa ingressar na pós-graduação. A "Bolsa de estudo" disponibilizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da moradia vem sendo fator determinante para a permanência e conclusão do curso no programa. Concorrer a bolsas juntos com outros sujeitos da política como negros, quilombolas e pessoas com deficiências especiais se torna um dos desafios, pela quantidade de estudantes que concorrem às bolsas no programa.

A Portaria 34 da CAPES (2020) alterou os critérios de distribuição das bolsas de mestrado e doutorado, modificando os pisos e tetos de cortes das bolsas. Isso provocou perdas no total de bolsas em programas de pós-graduação das instituições de ensino superior. No seu Art. 8º, fica determinada a revisão dos pisos e dos tetos de redistribuição de bolsas definidas pelas Portarias nº 18, nº 20 e nº 21, de fe-

Duhkayusé wateró, po'terkaharã ukunsé tuhuaníkanopã, na mahsísé universidade piré miapã, tohó nikã, to'ó ninó wateró na tuhtuanikano wapã, eheópeopã tohó nikã po'terikahará nisetiró iñonsé nipã.

A'tó Lei de Cota (12.711/2012) pahîró bikiâiró to'ó weétamupã keoró waápã seéro nipã, to'ó nisa ma'á na po'terikaharã bu'ésé Pós-Graduação sahánikano. To'ópi nisa "bu'eró Ahuró" Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ahpero nisa Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), toho nikã niíno, a'tó nisa bu'eña tohakearó wero, toho nikã to'ó manikane pe'ósomé programa bu'eseheré. Tuhtuaromena bohkasé nií té ahuró bu'se toho nikã ahpéna mahsámena weenó na níimá, quilombolas na mahsã duhtí keona wateró topí lerepeáce niísé nií, pahná nima to'ó ahuró programa ia'ná to'ó diosá.

Portaria 34 CAPES (2020), ahuró ehtisé dika yuú nopã mestrados tohó nikã duturu waasé, dika yuú nopã pisos té tetos ahuró kahsé ta'anoké. Tohó bahuriónpã pehê ahuró programa de pós-graduação instituições de ensino superior kasé nipã. Art. 8º a'tó dutí i'yã poró pisos té tetos ahuró ehti'nosé a'tópí dutisé nií Portaria nº 18, nº 20, nº 21 de fevereiro de 2020, pahiró mena keoró i'yã poró pós-graduação tohó nikã âyúno té buése kasé behseró nisa. A'tó Portaria bu'irití 10% diôsere té ahuró niípetiroré pós-graduação

vereiro de 2020, de modo a conferir maior concretude à avaliação da pós-graduação e maior prioridade aos cursos mais bem avaliados. Essa portaria foi responsável pela redução de cerca de 10% no total de bolsas de pós-graduação financiadas pela CAPES. Programas com conceito 3 e 4 foram os prejudicados, com perdas de até 40% das bolsas permanentes. Isso levou a impactos nos programas levando diversas universidades a solicitar a revogação dos mesmos.

O crescente ingresso dos estudantes indígenas no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFRGS tem mudado a rotina e tem gerado debate no mundo acadêmico. A partir desses elementos traremos os relatos e as experiências vivenciadas pelos estudantes indígenas, seus desafios e perspectivas.

## HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL/BRASIL

Muito antes da invasão europeia, os indígenas foram os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul, sendo divididos em três grupos: Jê, Pampiano e Guarani. Os Jês, para se protegerem do frio, alguns moravam em casas subterrâneas, sendo expulsos de suas terras com a chegada dos brancos. Em 1882, os Jês foram chamados de caingangues (Kaingang-habitantes do mato). Os Guarani eram conhecidos como tapes, arachane e carijó. Eram o grupo mais numeroso da região. Os pampeanos eram grupos formados pelos charruas e minuanos eram menos numerosos; em 1830, foram massacrados por tropas uruguaias e no século XIX

CAPES na o'ósere. Programa 3 e 4 kio'se punó buhrionopã, pehè kuanopã 40% de ahuró tohakia bosé. Te'é wekaresé miá'pã programa tohó weró pehê universidade sérripã to'ó na wee târake tukué ahapóróré.

**Programa de Pós-Graduação em Educação na UFRGS** Poterikarã buena sahánikano buhkia'pã toho wero na bu'esehé mehkã ukunsé waápã tó académico ímikoré. A'té ukunsé mena weré kânoza na po'terikaharã bu'ena deró nisétiro na tuhtuaseré té nané kumutásé nisere.

## PEHTÁ EKATÍRÓ KIHTÍ, DIÂ PAHÍRÓ SIRÓ/BRASIL

Europeu na sahti'atô díporá, po'terikáhará na nim'i'tápã Diâ Pahiró Siró ditaré, i'tiá kura dika'waánopã: Jê, Pampiano e Guarani. Jê yisiáséré kumutarã kohpépi wi'í tipá pekásáha eh'taromena nané coan vinopã na yeé ditaré nikeré, 1882 kíma're, Jê ni'kaáré caingangues pihsunopã (Kaingng - ník' mahsá). Guarani ti'tá píré tapes a'tiró masí nopã, arachane, carijó a'ti kura paharã nikupã. Pampeanos kura nipã charruas, minuanos pehtena nikupã, 1830 kimá, tropas uruguiana wéhépã nané tohó nika século XIX nané wéhé peopã. Pehtenakã Jê dísakarã kurá ni'kaáre Kaingang Guarani kura

foram dizimados. Os poucos Jés que restaram pertencem ao grupo Kaingang e Guarani e tentam sobreviver e enfrentam diversas dificuldades, principalmente em relação à demarcação de suas terras. Atualmente os povos indígenas lutam pelas suas terras, pela educação escolar indígena e pelo acesso à universidade.

A importância dos indígenas do Rio Grande do Sul está presente até hoje, através dos costumes mais tradicionais dos gaúchos, como o churrasco e o tomar chimarrão.

A cidade de Porto Alegre foi fundada em 26 de março de 1772, com a criação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, um ano depois alterada para Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre. O povoamento começou em 1752, com a chegada de 60 casais portugueses açorianos, trazidos por meio do *Tratado de Madri* para se instalarem nas Missões, região noroeste do estado, foi entregue ao governo português em troca da Colônia de Sacramento, nas margens do Rio da Prata. A demarcação das áreas demorou e os açorianos permaneceram no então chamado Porto do Viamão, primeira denominação de Porto Alegre.

A partir de 1824, recebeu imigrantes de todo o mundo, em particular alemães, italianos, espanhóis, poloneses, judeus e libaneses. A capital do Rio Grande do Sul é também a capital das Pampas, como é conhecida a região do Brasil e parte da Argentina e do Uruguai. Nessa região nasceu o gaúcho, figura histórica, dotada de bravura e espírito guerreiro, resultado de lendárias batalhas e revoltas por

nima tuhtuaronema kahtima diosasé buhasé nané, pehé basiótiró wateró kahtipã, na yé ditáré keo'se nií na pitê ame'kéésehe. Ni'kaáré po'terikâharã mahsâ na yeé ditáré ukuú a'mekéma, po'terikâharã bu'ri w''í nií ahperó tohó nikã universidade sâháaníkano.

Po'terikâharã êhópeosé nií Diâ Pahirô Sirô, a'té nimíripê ni'kaár opipí, na dihporo kásé gaúchos masí kahtisé nií piôba'asé tohó nika chimarrão sî'risé.

Pehtá Ekatí Mahkâ paânopâ 26 de março de 1772, Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais mahsoó'nopã, nikê kême beró Nossa Senhora da Madre de Deus de Pehtá Ekatí wamé dikayupã. 1752 tí mahkâ nikápâ, 60 portugueses açorianos umuká dítékarã ehtápã, *Tratado de Madri* wateró mikatípâ missão ninó, tó ninó nimítakaró português vioki'rê viapã Colônia de Sacramento dohkayuro, Rio da Prata suhmutó. Yoakâ yuhkuepã keokaróré koténa na açorianos tohakeapã Pehtá do Viamão wamétikaroré, Pehtá Ekatí nimítakaró wamé nisa.

Nikaró 1824, pekâsâha mahsâ nípetiró imikóho niirâ ehtápã, alemães, italianos, poloneses, judeus e libaneses. Diâ Pahirô Sirô mahkâró tó Pampa mahkâ nisa, a'tiro toré i'yâ mahsíma, região do Brasi toho nikã Argentina tó Uruguai ré. Toho weená a 'toré gaúcho mahsapí, na kirê pihsukê kihti nií, uitiké nikupí toho nikã a'mê wêhehi, té a'mê këésé kihti yapátiro toho nikã uasé wateró utamu amekense Reino de Portugal e Espanha nií tourópi, século

disputas de fronteiras entre os Reinos de Portugal e Espanha, a partir do século XVI. Foi no século XIX que marcou o seu povo, após uma longa guerra por independência contra o Império Português. A chamada Guerra dos Farrapos iniciou-se com um confrontamento ocorrido na própria capital, nas proximidades da atual ponte da Azenha, no dia 20 de setembro de 1835. Mesmo sufocado, o conflito gravou na história o mito do gaúcho e até hoje é contado em hino, comemorado em desfiles anuais e homenageado com nomes de ruas e parques.

Com o fim da guerra dos Farrapos, a cidade retomou seu desenvolvimento e passou por forte reestruturação urbana no fim do século XIX, movida principalmente pelo rápido crescimento das atividades portuárias e estaleiros. O desenvolvimento foi continuo ao longo do tempo e a cidade se manteve no centro dos acontecimentos culturais, políticos e sociais do país como terra de grandes escritores, intelectuais, artísticos, políticos e acontecimentos que marcaram a história do Brasil (IBGE, 2022).

Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população atual da atual Porto Alegre corresponde a 1.332.845 pessoas, com predominância da cor/raça branca (981.251), parda (178.354), preta (168.196), indígena (2.708) sendo minorias e amarelo (2.306) como uma área territorial de 95.977 km<sup>2</sup> (IBGE, 2022). Atualmente, o Rio Grande do Sul possui oficialmente 4 etnias indígenas presentes no estado: Charrua, Kainkang, Mbyá-Guarani e Xokleng.

XVI ré. Té amekense nino kuapã, século XIX na mahsã keopã, ahpiti yoaká amekê konhakaró yi'ri wehtísína na duhtiró manipã Império Português ré. Na Guerra do Farrapo wamétiro mahkã nikápã amekense, kahsaá Azenha tímó, 20 de setembro de 1835. Heritoasé nimikã, amekékê nemopã gaúcho kihti, ní'kâapi bahsáhamã desfile niisé kímarí toho niká maâni wamé kupã.

Farrapos amévéké petiakaberoré, ti marhá bihkeakâpa tó werô pití bikiaró waápã século XIX nika'ré, na portuário e estaleiro darasehé wahkútiro bùhkia'pã. Tó buhkiaró yoakã waápã ti mahkã dehkó nipã na yé'ê mahsínsé mena, ukunsé meniná ti ditá mahsã ninó, pahkarohó ohoaná ditá, mahsipeoná, bahsá meniki, ukunsé meniná tó waá'kê keoró kihti Brasil nipã (IBGE, 2022).

Toberó Censo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pehtá Ekatí a'tó ka'á tero mahsã nipã 1.332.845 mahsã, yi'ri ní'kápã buhtirã duktipã (981.251), yíí bokorená (178.354), yíinã (168.196), po'terikaharã (2.708) na pehêterã mahsã na ewí (2.306) toho werô nipã 95.977 km<sup>2</sup> na ditá nino (IBGE, 2022). Ni'kaá, Diá Pahiró Síró kékó 4 po'terikaharã mahsã nima toré: Charrua, Kaingang, Mbyá-Guarani e Xokleng.

## HISTÓRICO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED/UFRGS)

A FACED foi instituída em 1970 como uma nova Unidade de Ensino da UFRGS. Fundada em 1936, a Universidade de Porto Alegre atuava na formação de professores. Primeiro, pela Faculdade de Educação, Ciência e Letras, em 1942, por meio da Faculdade de Filosofia. Em 1972 iniciou-se o curso de Mestrado em Educação, credenciado em 1974, quando foi criada a Biblioteca setorial da FACED. A expansão da Pós-graduação em Educação ocorreu em 1975, com o projeto do Curso de Doutorado. O PPGEDU –Programa de Pós-Graduação em Educação– foi credenciado em 1982 pelo CFE – Conselho Federal de Educação.

Atualmente, a FACED forma professores nos níveis de graduação e Pós-Graduação stricto e lato sensu; estimula a pesquisa e a publicação científica, bem como a extensão através da promoção de cursos, seminários e simpósios. A FACED tem como princípio construir conhecimento a partir da articulação do ensino, da pesquisa e da extensão, levando em consideração as demandas sociais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação [FACED/UFRGS], 2025). A UFRGS é a maior polo de pesquisa e pós-graduação do Brasil, sendo 44 de seus 110 Programas de Pós-Graduação avaliados como de excelência e figurando entre os melhores do país. São cerca de 2.960 docentes e de 12 mil discentes matriculados apenas nos cursos stricto sensu.

## FACULDADE DE EDUCAÇÃO KIHTÍ (FACED/UFRGS)

1970 ní'kaá FACED niká mamá Bueri Wií UFRGS pârî, 1936 wií darekaró, Universidade de Pehtá Ekatí sí'ôri wimaná buekiré weétamu. Faculdade de Educação, Ciência e Letras nimi'tâ, be'ró, Faculdade de Filosofia 1942 nikupâ. 1972 ní'ká bu'esehé Mestrado em Educação, 1974 a'tó sahán duhtinó, ti'tá weenó Biblioteca setorial FACED. 1975 wa'â Pós-Graduação em Educação bikiâ, projeto de Curso de Doutorado yô'o. Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGEDU kena Conselho Federal de Educação –sahán duhtinó wa'â 1982 mena CEF–Conselho Federal de Educação.

FACED nikano wimaná buekiré weétamu graduação Pós-Graduação strictu e lato senso na niseré; anhuno weé hamansékena paperarí ohaséhe, nohó nemosé bu'esehé ma'ã, pahaná mahsâ ukuún dihkawaasé pahaná wateróré. FACED nimítano mahsínsemena darasé a'tó ni'kâ bu'esehé anhuno neensé, anhuno hamansé bikiaró, na mahsâ hamansé (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação [FACED/UFRGS], 2025). UFRGS nií pahîró anhuno hamansé toho niká pós-graduação Brasil kahnó, nií 44 to'ó kansé 110 Programa de Pós-Graduação bu'eseheré anhuno behsenopâ ìmiánopâ nií bu'esehé wiíseri ditá wateró. Nísama 2.960 buekî karâ 12.000 strictu senso bu'ena ohoakarâ nipâ.

## **LEI DE COTAS (12.711/2012) E POLÍTICA DE AÇÕES AFIRMATIVAS**

A Lei nº.12.711/2012, foi sancionado pela então Presidenta Dilma Rousseff que instituiu o programa de reserva de vagas para estudantes egressos de escolas públicas, pretos, pardos, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência, oriundos de famílias com renda inferior a um salário-mínimo e meio per capita, que passaram a ter mais oportunidades de acesso às instituições federais de ensino (Brasil, 2012). Somente em 2016, estudantes com deficiência foram incluídos como público-alvo dessa política.

Em 2022, no Brasil, marcou os 10 anos da Lei de Cotas (Lei n. 12.711/12) que estabeleceu um percentual de reservas de vagas ao grupo historicamente excluído do Ensino Superior: negros, indígenas e pessoas com deficiências, além de estudantes provenientes de escolas públicas. Em 2023 houve a ampliação da Lei de cotas (Lei n. 14.723/23) reservando vagas também para quilombolas, estendendo a política a todos os Programas de Pós-Graduação. Esse fato certamente exigiu e continuará a exigir mudanças internas nos processos de seleção em nível de Pós-Graduação, mas também de reavaliação das disciplinas ofertadas, bibliografias, da forma como fazemos pesquisa, senão assim, não é suficiente garantir a entrada de estudantes, mas é necessário repensar que tipo de formação oferecer e qual representatividade há nesta caminhada de formação (Menezes, et al., 2024).

## **LEI DE COTAS (12.711/2012) E POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS**

Wiokó nigó Dilma Roussef a'toré  
Lei nº 12.711/2012 anhuno weé'pô  
programa pehté ninosé na bu'enané  
pehé bu'eri wiíseri, yüinã, sahtiró  
yüinã, po'terikáharã, quilombolas,  
mahsã duhtí keona, ni'kí pona wahpá  
tá'a dohká níkí wahpa tá'a-kanoáká  
dehkó yé'éná per capita, yi'ríró keoró  
pehé paásé saháníkano instituições  
federais bu'eri wiíseri. (Brasil, 2012).  
2016 nika're, buená duhtí keona yi'ríná  
ninsé soneopá na público-alvo nipá té  
política kasáree.

2022 ni'kã, Brasil ré, 10 kímarí  
keonopá Lei de Cotas (Lei n. 12.711/12)  
na kunsé níkáró na kanoáká pehté  
ninosé disaké na neensé kihti sahán  
duhitísé nikupá Bu'esehe l'miáró:  
yii'nané, po'terikaharã, mahsã duhtí  
keonáné, toho niiká bu'ena bu'eri  
wiíseri. 2023 nomosé waápá Lei de  
Cotas (Lei n. 14.723/23) pehté ninosé  
kena na quilombolas, seonkumpá  
a política ré nipetima Programa de  
Pós-Graduação. A'toré keoró duhtipá,  
duhtí nomorosa popeapi díkayusé  
warosa bu'esehé beseró nível Pós-  
Graduação, toho niká ahpaturi bu'esaré  
i'yá'porñasama na o'sere, na ohoaké  
turirí, na deró anhuno hamansé  
weroro, toho wero, na saháníkano diakí  
mehtá nisa, anhuno tió i'yá'pôrô wero,  
yé'enó na bu'eró o'óbosari, nheénó  
mahsí wiabosari na ma'ã waró keoró  
paã nokökane na bu'eseheré (Menezes,  
et al., 2024).

A Lei de Cotas é fruto da luta dos movimentos negros, mas de outros movimentos sociais pelo acesso ao ensino superior. Ao longo dos anos, eles se uniram a pesquisadores, parlamentares e órgãos de controle para garantir que, no devido tempo, a revisão da Lei de Cotas se efetivasse para aprimorá-la. Em 2023, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a nova Lei de Cotas (Lei nº 14.723) e vejamos algumas das mudanças:

- 1.** No mecanismo de ingresso anterior, o cotista concordava apenas nas vagas destinadas às cotas, mesmo que ele tivesse pontuação suficiente na ampla concorrência. Agora, primeiramente serão observadas as notas pela ampla concorrência e, posteriormente, as reservas de vagas para cotas;
- 2.** Monitoramento anual da Lei e sua avaliação a cada 10 anos;
- 3.** Estabelecimento de prioridade para os cotistas no recebimento do auxílio estudantil;
- 4.** Redução do critério de renda familiar per capita para um salário-mínimo na reserva de vagas de 50% das cotas;
- 5.** Extensão das políticas afirmativas para a pós-graduação;
- 6.** Inclusão dos estudantes quilombolas como beneficiários das cotas;
- 7.** Vagas reservadas em uma subcota que não forem preenchidas serão repassadas para outra subcota e, posteriormente, para as vagas de escola pública (Brasil, 2024).

**Lei de Cotas na yïinã piti ukuú tuhtuaké nisa, ahpéna mahsá nipã na mena Bu'esehé ũ'miáró sahánikano. Pehé kímarí beró, na neneepã anhuno hamansé karámena, anhuno ukuúsé keonamena a'mêši'opã toho nikã ahpéna wiôná nipã namena, na yoaká nipã, ahpaturi anhuno nháporó Lei de Cotas ré. Toho weé'kaberoré, 2023 ní'ká Wiokí Luiz Inacio Lula da Silva ma'ma Lei de Cotas (14.723) anhuno weé'pí a'té nipã ná duhkayukê:**

- 1.** Tó dihporo na sahánikano, buena cotista na dia'képiré sahápã, kí anhuno kiomitakaró pahákase nimikã weé tipí. Nimitakaró nhänasama ná nheénkéré peró'pi na disaképí're nhänasama;
- 2.** Keoró ū'yá'nasama tó Lei ré toho nikã 10 kímarí beropiré nháohnasama;
- 3.** Kí buese'pá weé tamonasama bu'esehé ahpayesé mena;
- 4.** Ni'kí porá díonasamá na wahpatasé per capita ni'ká wahpa tá'a-keonamena na ninoséré 50% nané disaró;
- 5.** Pós-Graduação píré ehtarósa política afirmativa na heonsé;
- 6.** Bu'ena quilombola sahánikanasama cota kahsé nheenasama;
- 7.** Té disaké re subcota pí kunasamá na bía'tíkané ahpé subcota kunasama, beró píré, bu'eri wi'íseri pahaná niseré kunasama (Brasil, 2024).

Professora Gladis Kaecher (2020, p.23) assim diz sobre Cotas:

*Pensada como uma conquista dos movimentos sociais, em especial dos movimentos negro e indígena, as complexas e demoradas discussões sobre a adoção da reserva de vagas na Graduação, aqui na UFRGS, expôs as feridas advindas das tentativas de resistência que a branquitude levou a termo, durante as deliberações sobre o “se”, “quando” e o “como” as Ações Afirmativas seriam implementadas.*

Explicitou, ainda, o quanto a questão racial era secundarizada dentro da Universidade:

*representatividade negra ou indígena, dentro da UFRGS é, no mais das vezes, um discurso vazio, sem materialidade, visível na composição de todos os quadros diretivos e decisórios da Universidade e na constrangedora ausência de outra racialidade que não a branca, por sucessivas gestões ao longo das décadas”.*

Os povos Kaingang, Guarani, Xokleng, Tukano, Kubeo e outros povos do Brasil, não circulavam nesse novo espaço e território chamado UFRGS, mas os espíritos de nossos ancestrais já circulavam preparando para chegada dos guerreiros(as), preparando o espírito, o corpo e mente, principalmente das futuras professoras/es para poder recepcioná-las nesse território dominados pelos brancos, não para guerra, mas para um diálogo intercultural, partilhar nossas narrativas, as ciências e filosofias, as cosmovisões e saberes ancestrais.

Buekó Gladis Kaecher (2020, p.23) a'tító nipô cota kahseré:

*Na mahsá pití ukunkê movimento social tuú tuapã, na yiinã toho nikâ po'terikâharã pití ukutamupã té vaga nenosé graduação ka 'se, a'tó UFRGS, té kamini na pekásâha buhtirâ na weésinitikê duú'sonotikê teré miapâ ukunopâ "a'tó", "deronikâ", "weroro" Ações Afirmativas deró nikâ kunobopari.*

Duhtinopâ, wee'rê nopâ, pehé kímarí té kahsé utamú-amekênopâ universidade popeapí:

*díkena yïnná po'terikahrâ nimitampârî, UFRGS popeapi, toho nikâ na po'terikaharã ukutamunâ manipâ, tohó wekâ'ne pehkasâha diaki universidade pehé kímari dûhti'kunhapâ anhuúsépi darasé keopâ ahpena mahsâ manikupâ pehkasâha diakî nikupâ ahpena mahsâ kuú tipâ toó weéna na poo'teórâ pehekímaro yo'kâ darakunpâ.*

Po'terikaharã mahsâ Kaingang, Guarani, Xokleng, Tukano, Kubeo hapena mahsâ Brasil niná, sihá tikupâ a'tó ninó mamá ditá na UFRGS niatoré, toho nikâ ũsâ pahkisimfâ héripona síhâ'kupâ ũsâné ehtatô ahpopâ kotepâ, toho nikâ na boegó numiâ na héripona ehtâ'toré ahpopâ, na ũhpâ na wakhunsé niatérâ na numiâ ihsané kotepâ na pekásâha tuhtuaro wateró, wêhesé manipâ, ũsâ pahanamena ukuunó, ũsâ kihti dihkawateré, ũsâ biki'ná yê'e mahsínsé, tió ũ'yâ wakhunsé toho nikâ ũsâ nhekisimfâ mahsínsé.

As Ações Afirmativas nos programas de pós-graduação stricto sensu vêm sendo foco de atenção no Brasil, nas últimas décadas, e são responsáveis pelo ingresso crescente de setores historicamente excluídos das universidades, como negros/as, indígenas, quilombolas, pessoas surdas e com deficiências, pessoas travestis e transexuais e refugiados, incluindo outros sujeitos nesta política. São ações que decorrem de lutas históricas destes setores que, entre outras justas reivindicações, apontam o ingresso no ensino superior e a participação em espaços de produção de conhecimentos (Ribeiro & Bergamaschi, 2022). São movimentos que contribuíram para a excelência acadêmica pautada pela diversidade, abrindo o caminho para práticas interculturais e descolonizadoras. O primeiro movimento das ações afirmativas foi do Programa de Bolsas da Fundação Ford (IPF), que implementou bolsas de mestrado e de doutorado para pessoas de cor/raça preta, parda e indígena entre os anos de 2001 e 2012.

Com a Portaria do MEC nº 1.076/2014, foi instituído um Grupo de Trabalho com o objetivo de criar condições concretas e fomentar o ingresso desses setores nos programas de pós-graduação, GT desmantelado com as mudanças políticas ocorridas no país a partir de 2016 (golpe e destituição da presidente Dilma Rousseff). Outra medida governamental foi a publicação da Portaria Normativa Nº 13, de 11 de maio de 2016, do Ministério da Educação, que dispõe sobre a indução de Ações Afirmativas na Pós-Graduação e assim determina no seu Art. 1º:

Ações Afirmativas ti programa de pós-graduação stricto senso, piti Brasil a té kimari anhuno i'yânó, sirotukansé kimari té bu'frítiró na sahánikano bikiá'ró na kihti mahsã Saha duhtitisé wero universidades na yïinã, po'terikaharã, sahtiró yïinã, tiotína mahsã e duhtítina mahsã, mehkâ mahsã niná, dutíkatikana, ahpéna nikotena mahsã sâhanikápã. Te'é nisa na mahsã piti ukunsé kihti na wionané senitamukê, tó bu'esehe Ŧ'miáró sâhanikápã toho weená tó ninó mahsiseré winópã (Ribeiro & Bergamaschi, 2022). Na mahsã anhuno weétamupã academia na mahsã pahaná wateró, ma'á paânkê darapã pahaná mahsisé keona mena na pekásâha duúporopã mitikê. Ações Afirmativas nimítakaró Programa da Fundação Ford (IPF) nikupã, ahuro díhkawaró niímipã mestrado té doutorado kahsé na mahsã deró buhúse yïinã, yï'i'bokoréna, po'terikaharã, 2001 e 2012 té kimari na nhekupã.

Portaria MEC nº 1.076/2014, mahsã gurá darapã na keoró waasé wepã programa de pós-graduação sahánikano anhunó darapã, GT na política díhkayukáro mena keoró watipã 2016 kimá nikare (Dilma Rousseff wiogó mipã). Toho nikare Wioki ahpero Portaria Normativa Weé'pi nº 13, de 11 de maio de 2016, Ministério da Educação karó, tó piré weré wânhampã Ações afirmativas na Pós-Graduação, toho wero atiro duhtipã to'ó Art. 1º:

*As Instituições Federais de Ensino Superior, no âmbito de sua autonomia e observados os princípios de mérito inerente ao desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação, terão prazo de noventa dias para apresentar proposta sobre inclusão de negros (pretos e pardos), indígenas e pessoas com deficiência em seus programas de pós-graduação (mestrado, mestrado profissional e doutorado) como Política de Ações Afirmativas. (Brasil, 2016)*

As instituições deveriam constituir comissões locais para instituir e acompanhar tais ações, movimento que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul vai implementar no início de 2022 (Ribeiro, Bergamaschi, 2022). Onze Universidades públicas adotaram ações em todos os cursos de pós-graduação: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Bahia (UFBA), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Tocantins (UFT), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) (Venturini, 2018).

Contudo, há movimento mais individualizado de Programas de Pós-Graduação (PPGs) e, na UFRGS, observa-se a implementação de ações afirmativas desde o ano de 2016, em programas pioneiros, como Antropologia Social, História, Sociologia, Educação, Administração,

*A'té Instituições de Ensino Superior, na duhtiró toho nikā na yāsé di'pôkäti seré amedökê anhunó waasé, keoró weenosé te dihkayusé, noventa imikó keo'nasama kioró ti'ó yā'asehe tohó nikā soneonsé nisa na yii'kî, po'terikâki na mahsâ duhtise kioná programa de Pós-Graduação (mestrado, mestrado profissional tó doutorado) Ações Afirmativas píré nisa. (Brasil, 2016)*

A'té instituições keobosá mahsâ Kura nino wesené na bapátiro si'ori weebopa, sahansé universidade Federal Diá Pahiró Siro, 2022 ni'kâapi daranikâpá (Ribeiro, Bergamaschi, 2022). Toho wero 11 universidades mahsâ yé'ê wepâ teré nípetiró bu'esehe pós-graduação: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Bahia (UFBA), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Tocantins (UFT), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) (Venturini, 2018). Toho nikâ, ná bahsí darapâ Programa tó Programa de Pós-Graduação (PPGs) toho nikâ UFRGS, i'yânópâ na kunkane Ações Afirmativas 2016 nikâ pi, programa imítaké nisa Antropologia Social, História, Sociologia, Educação, Administração, ahpé yé'êná nií'kotepá,

entre outros, configurando já um elenco de 32 PPGs com alguma ação afirmativa (Ribeiro & Bergamaschi, 2022).

Ribeiro e Bergamaschi (2022) enfatizam que as ações afirmativas no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS), instituídas no ano de 2016, instituíram uma Comissão de professores e alunos/as para elaboração de uma proposta, resultando na Resolução que instituiu o sistema de reserva de vagas. Diz a resolução que:

*Do número total de vagas definido para cada processo seletivo, fixado no respectivo edital de seleção para os cursos de Mestrado e Doutorado, no mínimo 30% (trinta por cento) em cada curso [DO e ME] serão reservados para candidatas autodeclaradas/os negras/os, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiências e pessoas travestis e transexuais. (PPGEDU, Res. 01/2016, Art. 1º)*

Em 2023, o processo seletivo no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para mestrado e doutorado, a lembrar foi o primeiro processo seletivo rígido por Resolução 015/2023-CONSUN/UFRGS, institui Ações Afirmativa no âmbito de todos os programas de pós-graduação e portanto, o PPGEDU, além de oferecer no mínimo 30% das vagas para Negros/as, Quilombolas, Indígenas, Surdos, Travesti/transexuais, pessoas com deficiências, inclui pessoas refugiadas ou com visto humanitário e imigrantes (estrangeiros) em situação de vulnerabilidade social.

Serão apresentados neste estudo os dados dos processos seletivos (2017-2023),

toho wero nípetiró 32 PPGs nipā nikané Ações Afirmativas kiopā (Ribeiro & Bergamaschi, 2022).

Ribeiro e Bergamaschi werema (2022), Ações Afirmativas tí Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS), 2016 ni'kāpā, buegí kuramena toho nikā bu'enamena darakupā teré weená, na daraka beró viapā niká Resolução sistema de reserva de vaga. A'tiro nií 'wânhampá a'tó Resolução:

*Dikésé nane kunkê tó edital ré na ūyâ bese a'té tó pîré nií wânhásá díkese na weése bu'esehe mestrado té doutorado na nisé, tohó wero pehête niró 30% nibosa té bu'esehe [DO e ME] a'nâném weró niísa yíi'na, po'terikáharã, yíi' bokorena, duhti keoná na mehkâ niíná mahsâ'né. (PPGEDU, Res.01/2016. Art.1º)*

2023 nií'pâ, na ūyâ behsea'té Programa de Pós-Graduação em Educação tó Universidade Federal Diá Pahirô Sirô te'é mestrado té douotorado weé a'toré, waâku bosa tó ìmitaro ūyâ beseró dìasaró nií 'pá Resolução 015/2023-CONSUN/UFRGS, Ações Afirmativas to'ópî duhtipâ nií petise Programa de pós-graduação, toho wero, PPEGEDU, topiré kúpâ pehêté vaga nií'pâ 30% na kuükáró nií pâ na yíináné, sahtiró yíinâ, po'terikaharã, tiotína, mehkâ niisetirâ, duhtisé keona, dutikatikana mahsâ ahpé yé'e ditá a'tikana wepâ.

A'toré yónasá na díkéna ūyâ beseró weké (2017-2023) té kimari na sahakanaré oosé té bu'esehé kasé

possibilitando uma visão comparativa dos ingressantes nos cursos de mestrado e doutorado (Relatório AAF PPGEDU/UFRGS, 2023), sendo analisados especificamente os indígenas. As informações foram obtidas por rodas de conversa, diálogos interculturais, produções bibliográficas dos participantes e vivências na FACED.

Quadro 1 traz informações de 2017 a 2023 com disponibilidade de reservas de vagas do PPGEDU/UFRGS e número de candidatos. Percebe-se que o número de selecionados, em todos os anos, não preenche as reservas de vagas ofertadas. Para os cotistas indígenas pode estar relacionado aos fatores da dificuldade de

mestrado té doutorado (Relatório AAF PPGEDU/UFRGS, 2023), a'tó píré ti'ó yá nasá po'terikâharã diahkine na íriké. Te'é werekê be'tópi ti'ó noó, pahará mahsã mena ukusé, po'terikâharã paperaturi ohâkê mena tó nikâ deró nisetikaró na FACED bu'ekase.

O quadro 1 kihti weresé mití'í a'té kímarí 2017 a 2023 kunseré mena díkêse vaga oósé nisa PPGEDU/UFRGS díkena mahsã weékanane. Toho píré ũyânó díkena mahsã besekana, nípetiró kíma, díkêse nínosé mumu tisã na o'ósé. Na cotista po'terikâharã pehê diosasé kuma a'té a edital sâhá nhasé, internet, pré-projeto wero,

**Quadro 1. Vagas, candidatos/as e selecionados/as por ano em Doutorado (DO)**

Ano	Vagas totais DO	Vagas reservadas DO	Candidatos vagas reservadas DO	Selecionados vagas reservadas DO
2017	35	11	16	05
2018	52	17	24	06
2019	51	18	31	08
2020	48	19	24	10
2021	65	24	45	15*
2022	35	16	20	11
2023	50	21	33	12
<b>Total de classificação para vagas de DO</b>				<b>18</b>

**Fonte:** Tabela produzida pela profa. Bergamaschi a partir dos dados sistematizados – Pesquisa Ações Afirmativas. PPGEDU/UFRGS.

\* Um classificado DO indígena não fez a matrícula, abrindo vagas para candidatos da ampla concorrência.

**Quadro 2. Ingresso efetivo/as por setores sociais de direito de 2017-2023**

Autodeclarados/As	Doutorado	Mestrado	Total
Negros/as	51	112	163
Indígenas	05	09	12*
Quilombolas	02	05	07
Travesti/Trans	01	08	09
PcD /Surdos/as	08	12	20
<b>TOTAL</b>	<b>67</b>	<b>146</b>	<b>211</b>

**Fonte:** Produzida pela profa. Bergamaschi a partir dos dados sistematizados – Pesquisa ações afirmativas. PPGEDU/UFRGS.

\*Dois selecionados não efetivaram a matrícula (mestrado em 2019; doutorado em 2021)

acesso ao edital, à internet, à elaboração de pré-projeto, ao memorial, ao preenchimento do currículo Lattes, etc.

O quadro 2 traz informações específicas dos autodeclarados indígenas, que são 5 (cinco) no doutorado, sendo que 1 (um) não se matriculou e ficam 4 (quatro) serão descritos aqui: 2018 - Susana André do povo Kaingang; 2019 - Israel Pinheiro do povo Guarani; 2022 - Osmar Cordeiro do povo Tukano e Raquel de Cassia do povo Kubeo.

Os dados sistematizados demonstram o ingresso efetivo dos negros em relação aos indígenas nos dois cursos, podendo estar relacionado à presença expressiva de docentes negros na universidade. Por outro lado, a questão de cotas para a maioria da sociedade brasileira soa como incapacidade dos indígenas, mas percebo a cota como uma obrigação, uma dívida social e um dever que o Estado brasileiro tem para com os povos originários e não como

mahsínsemena nisé, currículo lattes keoró ohoatisé, pehé nisa.  
O quadro 2, po'terikáharã kihti werenosa, 05 (ní'kâmuâse) nísama duturo weéná, 01 (níki) keoró ohoatipí toho wero 04 (ba'pâritisé) tohápã a'tó werenosa: 2018 - Susana André Kaingang Mahsó; 2019 - Israel Pinheiro Guarani mahsí; 2022 - Osmar Cordeiro Ye'pá mahsí toho nikã Raquel de Cassia Kubeo Mahsó.

Kihtí werecé yon na keoró sahánico na yíinã ɬup̄tî sahápã po'terikaharã yí'róró tó píiá bu'eroré, toho wero na universidade buekí yíinã pahaná nií 'kupã. Toho nikã, cotas niseré pahaná brasileiro mahsã mani po'terikáharã mahsítima nísama toho í'yâma mani né, cota yi'í ti'ó ya'ākapema keoró nií, keoró pema mani yé'ê nisa, estado brasileiro mani né píti ahpamuû toho wero mani nané sêriwe. Té cota mani píti ukuú amekékê nisa na pekâsâha

um favor. A cota do direito de lutar pela igualdade, por que não se tem a mesma oportunidade que os brancos.

Delimitar o território da UFRGS, torna-se mais plural, mesmo sendo a minoria, a presença não só traz novos desafios aos docentes e para o programa, como o novo ciclo de abordagem a partir de diálogos interculturais, roda de conversa, da nova ciência e filosofia, com o modo de ser, pensar e fazer a pesquisa de cada povo, sendo ator da pesquisas. Por ora, as produções enfrentam desafios específicos no mercado editorial (acesso à oportunidade, visibilidade e preconceito) e na sociedade em geral, incomodando também os membros da academia.

No sentido de desenvolver uma pesquisa com enfoque sobre a presença indígena na universidade e questões ligadas também as características intrísecas desses grupos, bem como buscando romper com olhar acadêmico puramente euro-centrado e ecoar vozes outrora brutalmente silenciadas, foram propostas referenciais de pesquisadores indígenas a cerca da temática proposta com preocupação crítica na incorporação de suas narrativas enquanto protagonista e investigadores de sua própria vivência. Para a socióloga Maori Smith (2018), essa é uma atitude necessária em pesquisa dessa natureza, uma vez que o mundo indígena não deve ser somente teorizado pela sociedade não indígena, e sim retratado a partir de um trabalho de produção conjunta.

Para tanto, utilizei o estudo da Alcida Ramos (2023) para finalizar um assunto que muitas vezes aparece como um fantasma em rodas de conversas desprestenciosas

weronota nĩ manina weetamuno diakê ko'tê na pekásaha weetamuno tanoma ná.

UFRGS ditá ré keonukú nó, pahaná mahsã niató nina, pehtenakã niminátá, ũsã sáhanomena mamá diosasé buúra ná bueki tó programa ninané, toho weka'né mamá nisé buá na pahanamena ukunsé, mama mahsisé, wahnusé, ũsã nisétiro, ti'o ũyánó tó anhuno hamansé na mahsã keosé mena, nanta weenasamá, níkaoâká teré ũyá'tima, toho niká na roasé diosaró nií ohopí na mercado editorial na ninó ( sahänikáká wetamunó, yá'kotesé tohó niká heompeotisé) tohó niká niípetina mahsã, academia niná mahsã tisatima ohopi.

Anhunó hamansé weé'kansé na po'terikaharã universidade popeápi niínane tohó nika na mahsã deró nisetiró, acadêmico iãnsé euro-centrado peosé hamanó tohó niká na ukunsé akâ'keo'ró na yâ'aró ukunsé biapã, po'terikaharã anhunó hamanseré referências nané opá na utamuaté nané puno tuti behsesé na ti'o yá'anó cumpá naá yé kihtí ukunsé mena anhunó weésé tohó niká na nisetiro kahtiroré hamá ukunasamá ohoanasama tére. A'tó socióloga maori Linda Tuhiway Smith (2018) nimó, anhunó hamansé keoró niateré tohó tá weénobosá, po'terikaharã imikohó na mahsisé keosé na po'terikaharã mahsã mena niítibosá, na mahsisé yá'minobopã pahaná mena dará ohoasé nisá.

Alcida Ramos (2023) koô bu'ekaro ukuú pe'tiró mena buhuáse na mahsã ukuno ke'oró buhatisa acadêmico watero, tó wihaaropí nané: diporöhähase ukuse na

no meio acadêmico, e fora dele: o antigo debate sobre o que é visto como uma produção científica. Em um de seus artigos, Ramos argumenta que, mesmo passado tanto tempo, ainda nos dias de hoje, os indígenas brasileiros ocupam um grande lugar no imaginário do país. Um lugar que abarca imagem, estereótipos, fantasias e, acima de tudo, amor e ódio. Entretanto, os próprios indígenas vêm rompendo com essa lógica, ainda que amados por uns e odiados por outros, e aqui não é preciso esmiuçar os motivos do desprezo.

Ramos (2023) enfatiza ainda que a ciência tem sido sistematicamente negada aos indígenas quando seus conhecimentos são classificados como ciências do concreto ou cosmologias, termos comumente utilizados por antropólogos não indígenas.

O quadro 3 indica a caminhada de cada parente (irmãos) do povo Kaingang, Guarani, Tukano e Kubeo. O mateiro da

ti'ó ya'á karó té produção científica nií sere. Koô niíka noakâ ohâkê senitianópâ tohó na diporaokahsepí niíkaró, tohó'ta nií níikâ imikó nané, po'terikâharâ brasileiros ki'oro pahiró nino nisa na ti'osé. Tohó nií'karoré ka'mô ta'a a'tiro ti'ó ya'ama, ya'áro pihiise, kë'éró we'ronó, tohó nikâ buipe niró, ameni maisé uâse mena niró. Tohó wero, na po'terikâharâ basi nií'kâ wa'aka, tóho na ahpena si'ori maimá ahpena uâsemena ya'âma a'tore werewé tere.

Ramos (2023) a'tiró werémo a'té masísé ti'í maáre po'terikâharâné kumutanopâ derónika na keoró pihinosarí te'é masísere tohó nikâ diprókorâ pihinopâ te'é imíkoho kase masísere, antropólogos po'terikâharâ tohó pihisupâ.

A'tó quadro buí ninó, mani ahka werena na ma'âni wepâ Kaingang mahsâ, Guarani, Tukano toho nikâ

**Quadro 3.** Estudantes indígenas de doutorado selecionados entre 2015 e 2023 do PPGEDU/UFRGS

Ano		Estudante	Povo	Linha de pesquisa	Bolsista
Inicio	Conclusão				
2016	2020	Bruno Ferreira	Kaingang	Educação, Cultura e Humanidade	CNPq
2018	2023	Susana Andréa Inácio Belfort	Kaingang	Educação, Cultura e Humanidade	CAPES
2019	2024	Isael da Silva Pinheiro	Guarani	Educação, Cultura e Humanidade	CNPq
2022	Ativo	Osmar Cordeiro da Silva	Tukano	Educação, Cultura e Humanidade	CAPES
2022	Ativo	Raquel de Cassia Rodrigues	Kubeo	Educação Especial, Saúde e processo	CAPES
2023	Ativo	Angélica Domingos	Kaingang	Educação, Cultura e Humanidade	-

**Fonte:** Produção do autor, 2025. Produzido a partir dos Editais, relatórios e de vivência no PPEGEDU.

primeira jornada ou do nosso caminhar foi o Bruno Kaingang com chegada no novo território da UFRGS, em 2012 para cursar mestrado, em 2016 para cursar doutorado e em 2023 para consolidar definitivamente o território da FACED como professor.

O quadro 4 demonstra as obras produzidas pelos estudantes indígenas que emergem dentro do PPGEDU, do que chamo de vozes interculturais, trazendo seus modos próprios de expressar o que nem sempre é visto, porém vivenciado. São expressões que trazem as dores e tristezas, mas também a riqueza de saberes que os povos indígenas vivem. São saberes que foram

Kubeo. Na ma'á weé imítakê Bruno Kaingang ni'pí UFRGS ditá ehta imítakê, 2012 ni'kâapi mestrado bu'eseheré, 2016 ni'kã doutorado bu'eseheré toho nikã 2023 FACED ditáré kñ tohákia waroapí bueki nisétiro mena tohapí.

Ató quadro 4, PPGEDU yon na popeapí po'terikaharã buena na darekê, pahaná uróró yi'ító pihi, na yé'ê ukuse diakê na mií'kã'tikê mena toho niká teré i'yânoô manipã, tûrikã kahtiro mena weesé nñ. A'té ukuse mií'kã'tikê pürisehé té bia'wertise mena, toho wero na po'terikaharã mahsã mahsisé mena kahátise' pehé keonó. Mani mahsiseré

**Quadro 4. Produções acadêmicas no PPGEDU**

Ativos/ Egressos	Produções Dissertações/Tese		Universidade
Bruno Ferreira	Dissertação	Educação Kaingang: Processos próprio de aprendizagem e processo escolar	UFRGS
	Tese	Ún SI AG TÜ PÉ KI VÉNH KAJRÁNRÂN FÄ- o papel da escola nas comunidades Kaingang	UFRGS
Susana André Inácio Belfort	Dissertação	Políticas Educacionais dos povos indígenas no Brasil: Interculturalidade e seus desafios na Educação Escolar Indígena.	UFFS
	Tese	Tra(n)çando Caminhos: A História de vida de Andila Kaingang.	UFRGS
Isael da Sila Pinheiro	Dissertação	Etnografia Guarani e a educação escolar indígena no contexto da globalização	UEM
	Tese	Arandú: a pedagogia Guarani de belas palavras:	UFRGS
Osmar cordeiro da Silva	Dissertação	Educação Ambiental em espaço escolar multicultural em sâo Gabriel da Cachoeira, AM	UFAM
	Projeto tese	Ukuse Me'na Were Turiosé Taracuá Mahkâ Ye'pá Mahsã Bueri wi'i/a transmissão oral na escola Tukano da comunidade de Taracuá	UFRGS
Raquel de Cassia Rodrigues	Dissertação	Kubai, o encanto: a literatura infantil em foco/ Kubai Poterikarã vimará boesé.	UFRGS
	Projeto tese	Literatura Infantil: acesso a todas crianças	UFRGS
Anjelica Domingos	Dissertação	Entre Território e Territorialização ameríndias: a violação dos direitos indígenas no sul do Brasil.	UFRGS
	Projeto tese	Em construção ...	UFRGS

**Fonte:** Produção autoral, 2025.

negados, silenciados, apagados, mas que carregam a força da ancestralidade, da existência e das resistências históricas. Como estudante indígena, pensar educação, hoje, é pensar na qualidade de vida, na territorialidade, na reciprocidade, na cosmovisão, nas epistemologias, no bem-viver com a natureza e no desenvolvimento sustentável.

A ciência indígena está aberta para o diálogo dentro do mundo acadêmico; a ciência ocidental, que era fechada, está se aproximando e dialogando com a sabedoria indígena, tornando-se muito importante. Isso permite conhecer um pouco do que os brancos pensam sobre os indígenas e ajuda a compreender as diferentes racionais e modos de vida. A produção indígena está voltada para a realidade e a necessidade, provoca abertura de roda de conversa e a escrita contém palavra na expressão de cada povo e pedagogia própria de ensino.

Em dezembro de 2020, a FACED diplomou o primeiro doutor de origem indígena em seus 86 anos de história. Bruno Kaingang defendeu a Tese “**“UN SI AG TÜ PĒ KI VĒNH KAJRĀNRĀN FÃ – O papel da escola nas comunidades Kaingang”**”, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Jornal da Universidade/UFRGS/2020).

Em 2023, Dr. Bruno Kaingang, foi aprovado com Rosani de Fátima Fernandes do mesmo povo, no Concurso Público Docente para área Educação e Relações Étnico-Raciais – Subárea: Educação Escolar Indígena e foi empossado em 27/05/2024, como primeiro professor indígena da UFRGS, assim afirma: “Eu represento outros saberes, outros conhecimentos e outras

kamatapā, tuu keonopā, toho niíminó mani dí’poká kahsé mena keona tuktuanósa, mani nií káktise mena té mani pití kihti tuhtuaké. Mani po’terikaharā buenané bu’ésé wahakuseré, ni’kā, mani anhuno nisetiroré wakhuno, mani yē’ē ditáré, a’méri dihkawaasé, mani īmikóho ti’óyā’ano, bu’ésé mahsínsé, anhuno mena īmikóho kahtiro té bikia tunheénsé.

Po’terikaharā mahsínsé, tó īmikóho acadêmico mani ukuúsé pārí ni’ká, biakaró nií pā na pekásāha mahsínsé, ni’kaáré mani tíró nii tena toho wero mani po’terikaharā mahsisémena uúkū, maniné téhē’ta anhuum. Té mena mani sahatiró mena na pekásāha mani po’terikaharā ti’ó yásari maniné na deró nisetiseré mehékā ti’ó ūyā sehénó mani deró kahtiro. Po’terikaharā na ohoaké na deró nisetiseré nií toho nikā na ūyā seré, tó piré ukunsé pahaná wateró ierepeasé toho weéro ná mahsā na urómena ohoáma na mahsisémena.

Dezembro 2020 kímá, FACED, diplomapā po’terikí duturu nimítanki 86 kíma beró kihti nií. Bruno Kaingang niípi kē Tese mena “**“UN SI AG TÜ PĒKI VĒNH KAJRĀNRĀN FÃ – Kaingang mahkáré bu’eri wi’i daráro”**”, to’ó Programa de Pós-Graduação em Educação (Jornal da Universidade/UFRGS/2022).

2023 nií kane, Dr. Bruno Kaingang, Rosani de Fátima Fernandes mena yi’rí pā mehâtá mahsā niípó kona, Concurso Público wepā toho Educação e Relação Etnico-Raciais – toho diáró: Po’terikaharā Bu’eri Wi’i, 27/05/2024 dará niíkanpí, po’teriké bu’eké nimítanké UFRGS, a’tiro niípí: “Yí’í ahpeye mahsiseré ukuú tuhtua, ahpé

epistemologias que trago do meu povo. Os indígenas se alegram com nossa estadia na UFRGS" (ASSUFRGS,2024).

## **PERCURSOS DOS ESTUDANTES INDÍGENA DO PPGEDU/UFRGS**

Para esse momento, trago os relatos e caminhos que os conduziram para suas chegadas à Faculdade de Educação, a partir de suas produções de tese e vivências no dia a dia no programa e externamente, durante a estadia na UFRGS.

### **Osmar Tukano**

Yupuri<sup>1</sup>, pertencente ao povo Ye'pá Mahsā (denominado Tukano) da comunidade de Taracuá do baixo Rio Uaupés, no Território Indígena do Alto Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira (AM) na fronteira do Brasil com a Colômbia. Quando criança, tive meu próprio modo de aprendizagem, em que aprendi a caçar, pescar, nadar, mergulhar, flechar, remar e equilibrar na canoa, sendo a primeira educação tukano que carrego na minha caminhada. Com *velhos sábios*, pais e tios, escutava as narrativas orais, tradições culturais, epistemologias e cosmovisões, a convivência com a natureza e com encantados, onde aprendi a respeitá-los. As sabedorias ancestrais foram e são importantes para nossa existência e resistência que perpassam para cada geração.

Em 1978, cursar doutorado era um sonho impossível, mas meu avô Filindro era um grande visionário, certa vez disse: "Netinho, você não vai ser como nós, vai ser um doutor e não vai ficar neste lugar. Cuide bem dele". Meu avô, como meu pai, era grande protetor, curador que nós chamamos de

mahsínsé yi'ñ mahsā yé'ê mahsínsé keó. Po'terikaharã ekatima yi'ñ a'tó UFRGS toharo'mena" (ASSUFRGS,2024).

## **PO'TERIKAHARÃ BU'ENA MA'Ã PPGEDU/UFRGS**

A'toré, werekisá na ma'ã keoró Faculdade de Educação ehta sehéré, na Tese dará ohoákémēna weére kísá deró programa niseti karomena deró kartikaró UFRGS níkáró.

### **Osmar Tukano**

Yupuri, Ye'pá Mahsā (Tukano niña) nii yi'ñ Taracuá mahkā Uaupés Diá Siró, Po'terikaharã ditá Alto Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira (AM) Brasil tó Colômbia ditá nii tuoró pê. Yi'ñ vimâké niíkápi ñ'sā bù'esé mahsí tó píré waikêna wéhesé, wai'wehésé, ba'asé, ohó'minisé, bi'áró, waháró, yukisi anhuno ehrâ nuhua weéro, a'té niísá nimitásá Tukano bu'eró teré ki'ó yi'ñ siháropi. Bik'ná mahsipeorá me'râ, pahkisimí'ñ na metikarâ me'râ kihti tiopâ, ñ'sâ díhporo nisé kiosé, ñ'sâ mahsí katise, té ñ'sâ deró imikohó tñ'ó ñ'yâ nó, ñ'sâ deró nikiri me'râ nisétiro té nikiri mahsâ mera, topi re yi'ñ piti heompeokati. A'té ñ'sâ dí'pokâ mahsisé ñ'sârê piti heopeopâ díhporópi ni'kâa nané ñ'sâ deró niísé kahtiro na ahpéna a'tinápi kionasama té mahsiseré.

1978 nikapiré, té duturo weése diosânpipâ, yi'ñ nheekî Filindro anhuno 'ti'ó í ya'ã kupí, nikati ukuúvi: "panamî miñ ñ'sâ veró nisomé, duturo nisá a'ti mahkáré nisomé. Anhuno i'yâ niro yâ". Yi'ñ nheekî yi'ñ pahkimena pahaná tuú

rezador, interpretava que um dia iria ser um deles, jamais saiu da minha mente.

Do meu estudo nada é para mim, pois tudo é voltado e pensado para o povo ao qual pertenço e para os demais povos do Brasil. O mais importante é mostrar para meu povo, minha família, os alunos e para o mundo acadêmico que também tenho capacidade e que os saberes ancestrais são importantes.

Por meio de ação afirmativa, curso o doutorado com compromisso, experiência e vivência, pois assim quis o destino e, em 2022, caminho para a UFRGS com cara, coragem e proteção do meu ancestral. Hoje estou realizando um sonho e aqui escrevo o artigo durante a pesquisa de campo.

### Bruno Kaingang

Bruno Kaingang (2023) nasceu no município de Tenente Portela, chamado de Gamelinha, na Terra Indígena Guarita no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Antes da ida à escola passava na casa da sua Ný Kófa, retornando para Gamelinha, lugar onde o seu umbigo está enterrado, próximo de sua avó materna na comunidade falante da língua kaingang. Nesse lugar as crianças ouviam narrativas, contadas pelo seu avô.

Bruno Ferreira (2023) lembra a fala de seu pai: "Precisa ir para a escola estudar, para não sofrer. Para seu pai, a ideia de frequentar a escola não significaria que os Kaingang deveriam abrir as mãos às suas práticas, mas alertava para que as tecnologias ajudassem as famílias a ter uma vida melhor. As tecnologias poderiam ajudar as suas práticas que vêm de geração

ka'mo ta'akana nikuvã, Kumuã nikuvã, yi'ñ naveró nohta nisa vähkukati, yi'ñ ré te'é dihpooapi nisa.

Yi'ñ bu'esé yi'ñ ré mehé'ta nií, yi'ñ ahka werena wahnkun karópi nisa toho weéro Brasil nina mahsã'rê wahkuúnó. Toho weka'né yi'ñ ahka werena yon sínikati, yi'ñ pahkisímiaré, yi'ñ buenané toho weéro acadêmico imikóho ninané weré sínikati, i'sâna tiomahsinatá nií toho wero ūsá mahsisena ūsâne anhuú.

Ação afirmativa mena duturado nisé bu'e peokiiti nikaró niwê, mahsisé mena, nisetiromena, 2022 kimá, to UFRGS ma'ã buhuá yi'ñ diapoá, witisemena yi'ñ nhehkisímiapi weétamupã. Ni'kaá yi'ñ ké'eké weé toho nikâ yi'ñ artigo anhuno amanse wateró ohâ'a'te ré.

### Bruno Kaingang

Bruno Kaingang (2022) Tenente Portela wamétiro mahkâ mahsâpî, Camelinho ninó wametipâ po'terikaharâ ditápi Guarita Estado do Diâ Pahiró Siró. Bu'eri wi'i wa'á tí dihporo Kñ Ný Kófa wi'i ré wa'â mahpí, Camelinha nino tohátí mahpí, kñ símuga yaá karó, kñ nhehkó pi'tó na yé'ê ukuunó mahkâ. Toho ré wi'marâ kihti ti'opâ, kñ nhehkó werê seré.

Bruno Ferreira (2023) pahki ukuse ti'opí: "Bu'eri wi'i pi wa'aró yaá, pi'eti siniti". Kñ pahki ti'o ūyâ kârê Kaingang bu'eró waáná na mahsiseré duúsé mehtá nisa, kioró mena na pekâsâha na kioseré nané wetamunósâ na ahkawerenaré na nisetiro kioró warosa. Pekâsâha

a geração, tendo a compreensão de que a utilização tecnológica não deveria ter a produção como princípio do acúmulo e a riqueza individualizada, mas destinar-se a fortalecer relações de complementariedade e reciprocidade entre as pessoas e famílias, os povos indígenas. Assim relata Luciano (2013, p. 20): "A escolarização me fez conhecer o lado cruel da vida no mundo branco: disputa, injustiça, desigualdade e falta de solidariedade. A vida na aldeia me ensinara a evitar e combater essas mazelas".

Segundo Bruno (2023), a ida para a universidade aconteceu por uma necessidade do movimento indígena no sul do Brasil, não foi uma decisão pessoal, mas escolha realizada pelos coordenadores da Organização das Nações Indígenas do Sul (ONISUL) para realizar vestibular no curso de História para ajudar na construção de uma política pública para uma educação escolar indígena Kaingang. O movimento compreende a universidade como ferramenta importante para as lutas indígenas.

Ingressa tardiamente, em relação aos brancos e negros, mas foi um ingresso consciente e importante para sua vida coletiva e individual, sendo resultado de escolhas e decisões conscientes. Assim relata:

*Este percurso formativo é a necessidade de compreender e aumentar o conhecimento do mundo não indígena, de modo especial o mundo dos brancos, seus conhecimentos, sua cultura, seu comportamento em relação aos indígenas e, dessa forma, ajudar o movimento indígena a respeito das políticas públicas*

yéê nane wetamunosá na beropiré a'tianaré, toho wero ahpeye noho ni'kĩ ɻ̄pít̄ kiosé mehtá nisa, ahpenamena tuhtuaro nisa, dihkawaaro mahsámena na ahkawerenamena, toho na po'terikaharã mahsá mena. A'tiro Luciano (2013, p.20) werepí: "yíñ bu'eropiré nhaán buhtiasé na pekásáha nisetiroé ſ'yá'a: Utamu amekésé, diakĩ nitiró, ni'kĩ nisé toho dihkawaaro maninó. Yá mahkã anhuno mena kahtiro mahsíí, toho wekí teré yá'âsere kumuta".

Bruno (2023) yiñ universidade waró po'terikaharã Brasil siropé nima na ukunkaró nií toho wero na jákaró nií, yiñ bahsí jákaró mehtá na Coordenadores da Organização das Nações Indígenas do Sul (ONISUL) beséki nií toho wekí vestibular té bu'esehe de História wekatí nané política pública da Educação escolar indígena Kaingang ukuútamuaki. Universidade ré ya'a nopã mani po'terikaharã mani besú ukuútamuaki werónó.

Perópi sahánikapí, pekásáha na yñá beropiré, toho wekí kioró tuomahsísemena sahápí kíñ pahanamena kahtisíniki kíñ ni'kí niró, kioró behsepí tuomahsísemena. A'tiro weéremi:

*A'ti ma'a weése ti'ó yéê síniki mahsísé nemósíniki na pekásáha kio'seré tohé nó, na mahsísere, na deró nisétiró, na pekásáha ti'ó mahsísé, teré mahsíki po'terikaharã wetamónó nisa na política pública ého peósé mäsína kioró na mahsá*

*que envolvem decisões sobre a vida desses povos. (Ferreira, 2023, p.66)*

Na sua percepção, o ingresso na universidade ocorreu em dois movimentos: o primeiro, considerando o contexto político, a necessidade de construir alianças e a universidade uma das parceiras escolhidas para a luta, ampliando de forma significativa a presença de estudantes indígenas nos diferentes cursos de graduação, graças às ações afirmativas implementadas no Brasil. O segundo é a chegada dos indígenas nos programas de Pós-Graduações, marcado pela construção de pesquisa que apresentem e representem o seu povo indígena para a universidade e de maneira geral para sociedade não indígena, mostrando nossas diferenças, as línguas, os costumes, as tradições, as culturas, os conhecimentos, outro jeito de ver o mundo, a ontologia e a cosmologia própria de cada povo.

#### **Isael Guarani**

Isael da Silva Pinheiro pertence ao povo Guarani do município de São Jerônimo da Serra na Terra Indígena Barão de Antonina localizada no norte do Paraná, onde nasceu e morou. Aprendeu o seu modo de ser e viver do povo Guarani que na língua tradicional é chamado de *tekoporã*. Os valores culturais devem ser colocados em prática, como as filosofias de vida que orientam o ser, estar e viver no mundo, pois são práticas milenares de sua cultura, da língua tradicional, da nossa espiritualidade, do verdadeiro modo de ser que se aprende na comunidade por meio da coletividade e da espiritualidade (Pinheiro, 2024).

*anhuno kahtiro webosama. (Ferreira, 2023, p. 66)*

Kff ī'yā kane universidade sahão piňá ma'ã waápä: política na tió yânó nimitäpa, anhuno ma'äka ahpó nikano toho weéro universidade behsenopä mani mena siori ukuú tamópä, mani po'terikaharä bu'enane na kunseré nemopä ná curso de graduação píré, ações afirmativas toho oó weépä Brasil ré. Ahpero po'terikaharä ná bu'esehe Pós-Graduações ehtákaro nií tobero kansé, na anhuno amansé darakemena yon na po'terikaharä werê sininse universidade toho wero na pekásäha mahsä, mani mehkä nisé, mani ukunsé, mani nisétirö, mani derónisetiro, mani mahsí katiké, mani mahsisé, mani deró imikóho i'yänó, mahsä imikhó deró mahsinó.

#### **Isael Pinheiro**

Isael da Silva Pinheiro, guarani mahsä nimi tó São Gerônimo da Serra mahkä na po'terikaharä ditá Barão de Antonina Paraná dihporo ninó, ti mahkä kff bahúkaro kff niíkaró. Toho pi mahsípi deró nisetirö na imikóho deró Guarani mahsä na kahátikaró toho na ukuúsé mena tekoporã pisüpä. Mahsisé anhuno ehô peósé pehé kimani weékê nisa, na yé'e ukunsemena, mani ȣpi bahsekaró, mani mahkani mahsä pahánamena anhuno nisetiro (Pinheiro, 2024).

Guarani ukunsemena kahtiro ma'ã siasé "oguatá guassú" (pahákasé ma'ã) píhímâ ná dará ukuúnó topí

Na língua Guarani, sua trajetória de vida é chamada de “oguatá guassú” (grande caminhada), que se encontra ancorada nos fundamentos e preceitos da cultura tradicional Guarani, como a coletividade, ancestralidade, espiritualidade e reciprocidade. Para Israel Guarani (2024), a sua caminhada é de entrelugares, sua cultura e identidade compõem uma teia de memórias, de reflexões, de verdadeiras narrativas ouvidas e sentidas no calor das vivências, do contato direto com pessoas, com lugares e territórios. Sendo assim, falar de vivências e das memórias da infância é um ato de reviver e dar vida aos fatos culturais e sociais que nos marcam no tempo.

Tornou-se o primeiro indígena a realizar intercâmbio de Doutorado Sanduíche na University of the Fraser Valley (UFV) no Canadá (2023) e o primeiro doutor Guarani a ser diplomado pela UFRGS (2024). Atualmente, cursa pós-doutorado pelo projeto Baobá<sup>2</sup>.

### **Susana Kaingang**

Susana André Inacio Belfort (2023), natural da Terra Indígena Carreteiro do Rio Grande do Sul, ela e outras 30 familiares Kaingang foram expulsos em um conflito que houve na Terra Indígena Serrinha localizada na Região Norte do Rio Grande do Sul, pertencentes ao município de Ronda Alta, Três Palmeiras, Constantino e Engenho Velho, em outubro de 2021, por denunciar o arrendamento em terra indígena, mas a justiça determinou a reintegração.

Além da dificuldade de apropriação de escrita, a fim de registrar suas histórias e apresentar um relato alternativo à versão

niísá Guarani na dñhpoperé mahsíkê, dípokásepí, ḫpi bahsekaró, díhkha 'waasé, Israel Guarani ré (2024) kīf ma'á sihákaró mahkani nisé sihápí kīf nisetiró té kīf Guarani niró, toho weéké pehé kīf tioké mahsísé kiosami, wahnunesé, kihti kioró kīf tioké, tī'ó'yápí kīf nisétisemena, toho nikā wimanki kīf mahsínsemena nisé, tó ditáré nino. Toho nino, kahtise ukuúno té wimanki mahsínsemena kiosé té nisa weépó kahtiro té kahtiro kunsé mani kioseré na mahsā yoakā kiosé.

Kīf nimítanké weépi intercâmbio de Doutorado Sanduíche na University of the Fraser Valley (UFV) Canadá (2024) nikápi toho weéki nimítanké doutor Guarani bué wihápí UFRGS (2024). Nikanoakané, bu'esehe de Pós-doutorado weémi tó projeto Baobá wametiró.

### **Susana Kaingang**

Susana André Inácio Belfort (2023) po'terikaharã dita Carreteiro do Diá Pahiró Siró ninopí mahsápô, topiré nipá 30 kaingang nikí pona niná topí na kō'ânopá na po'terikaharã ditápi Serrinha na região tó Diá Pahiró Siró nimítano ninopi, Ronda Alta, Três Palmeiras, Constantino tó Engenho Velho nisé mahkápí, outubro de 2021 nikápi, na weresanomena toho waápá po'terikaharã dita na wapá tá'a duaró mena, diaké nikí nane wiatono duhtipí.

Toho niiká na papera ohakapuni nane diosapá, na kiona na kihti ohabopá toho weéna na pekásáha ehtakana

do colonizador ocidental, compete ao indígena pesquisador a superação das metodologias que se impõem na produção do conhecimento, que da mesma forma se encontram alicerçadas em raízes profundas do colonialismo. Susana segue na perspectiva de superar desafios de aliar a produção científica e seus caminhos metodológicos à maneira de contar as histórias Kaingang, tradicionalmente vinculadas à oralidade: as metodologias dos nossos ancestrais.

Susana (2023) afirma que os indígenas têm suas vivências na trajetória de vida na oralidade, mas quando inseridos no espaço da universidade, como indígenas-pesquisadores, assume-se o desafio de escrever a própria pesquisa e fazer com que a palavra escrita traduza o pensamento e a expressão da visão indígena. Em entrevista com Fabiana Reinholtz, do Brasil de Fato, ele afirma:

*Quem está em Porto Alegre está distante de muitas das comunidades situadas no Norte do Rio Grande do Sul. São seis, oito ou até dez horas dependendo do ônibus que você pega. Isso afeta muito a escolarização e a qualificação e toda a trajetória acadêmica para a mulher. [...] A maior parte dos professores de escolas indígenas depende da remuneração do contrato de trabalho emergencial. Então, o que acontece? Como depende disso, vão pensar duas vezes em investir na qualificação acadêmica porque vai gerar impacto na renda familiar. (Reinholtz, 2023)*

Tornou-se a primeira mulher Kaingang doutora.

yé'éré mehkāohanobopā, tohó niikā po'terikaharāanhuno amansiaki yí'ri nikakinsami na mahsíseré nané tuhtuaromena weenasamá, te'é na pekásāha mitakē nino'kuapāohopi. Susana wahku tuhtuasé kiomó yí'ri nikásinino toho weégo na pekásāha mahsísemena kioró weénosa na Kaingang kihti na yé'ê mahsíkatikémerá teré tó pihsúma na ukuúsere: anhuno waháse mani pahkísimiákiokére.

Susana (2023), toho nimó ukuúsere me'rā po'terikaharākahtirókiomána síháropi, toho weéna universidade ninópó'péapi, po'terikaharā-anhuno amá nisíanané, na tuhtuaróme'râohá sama na añunó amanserétohóweéna wahnkuséuróme'râohásama na po'terikaharáí'yáséré ukuúsama. Ná séríyã'aká Brasil de Fato, toho nipô:

*Pehtá Ekatí niná, na a'tiké mahkáríyoaropítohasa Diá Pahírósíró niínopiré. Ná ônibus a'tiro ahpémukânikipenipeasé, ahpémukâ i'tiápenipeasé, piiámukâse horas nisa nheenkâne. Tohó yoarópi nisetikâna bu'ésére acadêmico sahanise ma'âni numiá're kioró wahatísa [...]. Pahaná po'terikaharábu'eri wií'piwimaná bueki wahapatá nheensékótemana darasé paharé. Derówaásari? Ná wahpateserékoténá, pñatípi wahnkasamána acadêmico bu'ésinina na wahpatanheense niíki ponayé'ênisatohó wero narébahsítisa. (Reinholtz, 2023)*

*Numiō Kaingang nikamitakó dutura keogótohapô.*

### Raquel Kubeo

Raquel de Cassia Rodrigues Ramos, pertencente ao povo Kubeo, nasceu no alto rio Uaupés no Território Indígena do Alto Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira (AM) na fronteira do Brasil com a Colômbia. Como todas as mulheres dos povos originários e brasileiras, na busca por crescimento humano e profissional, aventurou-se para conhecer outros territórios, chegando a Porto Alegre (2014), em companhia das irmãs Franciscanas de Nossa Senhora de Aparecida (Ramos, 2021).

Após a reprovação da seletiva para mestrado pela Faculdade de Educação/UFRGS, em 2017, começa a realizar atividades no espaço da universidade, ao encontrar os Kaingang, e nos espaços culturais como museus, feiras e mostras de cinema, integrando-se no movimento indígena com as mulheres artesãs e lideranças Guarani e Kaingang, tendo algumas colegas estudantes da Universidade (Ramos, 2021).

Participa, em 2018, do seminário de Formação de Conceitos e Tecnologias no Ensino. Novamente participa do processo seletivo e ingressa no Mestrado em Educação. Em 2019, faz parte do coletivo do Centro de Referência Afro-Indígena do Rio Grande do Sul e contribuiu com o projeto Rede Indígena Porto Alegre, organizando vendas de artesanato de forma voluntária. Desde 2022, cursa doutorado em Educação pelo PPGEDU/UFRGS.

### Angélica Kaingang

Angélica Domingos (2022), pertencente ao povo Kaingang, nasceu e cresceu na Terra Indígena Votouro no estado do Rio

### Raquel Kubeo

Raquel de Cassia Rodrigues Ramos, Kubeu Mahsó nimó, a'tópi bahuaupô Alto Rio Uaupés Po'terikaharâ Dita Alto Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira (AM) mahkâpi, Brasil y Colombia ditá yapá tiropi. Toho nikané na po'terikaharâ numiā na mahsâ niímitakana y brasileiras, mahsó weéro biákia sínigó y darasníngó, toho weégo apeye ditaripi waápô, Pehtá Ekatiró (2014) reapô, na Payá numia Franciscana de Nossa Senhora de Aparecida karâ me1râ (Ramos, 2021).

Besé ropi yi'ritipô Mestrado Faculdade de Educação/UFRGS niírópi, 2017 ré, tópore universidade ninópi darasea weékupô, Kaingang mahsâ bohkapô, tó wateró museu, feiras, cinema yôsé, po'terikaharâ numiā daraná, Guarani Kaingang vionane bohkatô, niíkanena niípâ universidade bu'ena numiâ (Ramos, 2021).

2018 kimá, seminário de Formação de conceitos e Tecnologia no Ensino weépô. Ahpáturi weépô'tá besé noseré a'to punikaré sahapô Mestrado em Educação. 2019 nikare, Centro de Referência Afro-Indígena do Diá Pahiró Siró nini kura ré sahapô, projeto de Rede Indígena Pehtá Ekatiró, si'ôri weétamupô po'terikaharâ darasere. 2022 niíkâpi, doutorado em Educação bu'emó PPGEDU/UFRGS.

### Angélica Kaingang

Angélica Domingos (2022), Kaingang mahsó nimó, kó buhuapô Po'terikaharâ Ditapí Votouro wamé tiropi tó estado Diá Pahiró Siró. Matapí kó

Grande do Sul no Brasil. Muito cedo perde a sua mãe, a partir disso, foi possível a sua saída de seu território para (re)territorializar outros caminhos, cidade, universidade, as retomadas. Na UFRGS, pauta por moradia é protagonizada por mulheres estudantes indígenas, muitas delas eram mães ou passavam a ser durante o processo de graduação.

A moradia, Casa dos Estudantes Universitários (CEU/UFRGS), impossibilitava a presença dos filhos de estudantes indígenas, constando inclusive no regimento interno a vedação de permanência de crianças. Muitas das mães estudantes indígenas, sem ter outra opção, permaneciam “escondidas” com seus filhos no CEU, um lugar extremamente ríspido, que não aceita os modos de ser e viver indígena (Domingos, 2022).

Angelica e demais mulheres estudantes protagonizaram, em 2022, a conquista da atual moradia da Casa do Estudante Indígena (CEI/UFRGS). A partir da conquista possibilitou a inter-relação da convivência das crianças até aos mais velhos, do possível recebem familiares, os kujás (velhos), que são lideranças espirituais e detentores dos saberes ancestrais. Assim afirma: “Para nós não se trata apenas de imóvel para acomodarmos, mas de espaço que permita ser quem somos, como nossos modos de vida e aprendizados, como nossas culturas, nossa convivência e sobrevivência” (Domingos, 2022, p.32). Atualmente, reside no CEI acompanhado de seus filhos, cursa doutorado pelo PPGEDU/UFRGS.

pahkó wenipô, toho weégô, wihiapô  
kó ninó ditaré apeye ditapi siágó  
waápô, mahkani, Universidade, ditá  
omaturiasé. Toó UFRGS, niínó kahsé  
ukuúkatí pô teéré po’terikaharã  
bu’ena numiâ me’rã ukuúpã, titaré  
graduaçao bu’eró wateró, phana numiâ  
nipâ’vimaná pahko karã na bueró  
watero ponatina numiâ niíkupã.

Na niíkaró, Casa do Estudantes  
Universitário (CEU/UFRGS). Wímanané  
ĩyâ tikupã na po’terikaharã bu’ena  
numiâ ponané, papera duhtisé  
wâhampã na ponané ninó manipã.  
Toho weé nopã po’terikaharã bu’ena  
numiâ, nino manikaré, na ponané nió  
dutipã tó CEU popeapi, nhânó niíkupã,  
na po’terikaharã deró nisetiroré ĩyâ  
tipã (Domingos, 2022).

Angélica ahpena bu’éná numiâ me’rã,  
2022 niíkáré, na omaturipã na ninóré  
Casa do Estudante Indígena(CEI/  
UFRGS). Toó píre na nisétiromena  
niipã na wimané toho nikâ bîkinane,  
na pôtonone na niki pona, wionã, biki,  
aná nisama pehé ti’ó ĩyâ’ásé kioná na  
pahkisimâ mahsísé kiotoriasamã. A’tiró  
nimó: i’sâne ato’ó kanino mehta nií,  
a’toré ĩsâ deró nisetiromena ninati, ĩsâ  
kahtisemena, ĩsâ mahsisemena, ĩsâ  
kahtiromena (Domingos, 2022, p. 32).  
Nikané, CEI pita kó ninó ponamena,  
bu’esehe duturo em Educação weémó  
tó PPGEDU/UFRGS.

## **ACESSO, PERMANÊNCIA E A BOLSA DE ESTUDO NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFRGS**

No final do século XX e no início do século XXI, cresceu de forma rápida o número de escolas em Terras Indígenas principalmente contando com professores pertencentes às comunidades a que se destinam, inaugurando a proposta curriculares diferenciadas e materiais didáticos específicos e bilingues, anunciando um movimento de apropriação de uma instituição eminentemente ocidental em sua origem, mas que aos poucos toma a colocação do povo indígena que a protagoniza. O quadro numérico que apresenta as escolas indígenas de ensino básico evidencia a crescente presença no cenário educacional: em 2012 o censo escolar registrou 2.954 escolas indígenas em 26 estados brasileiros (com maior concentração na região norte, onde estão 1830 ou 62% do total), em contraponto as 1326 escolas registradas pelo censo escolar de 2002, significando um aumento de mais de 100% em uma década (Bergamaschi, Kurroschi, 2013).

Gersem Baniwa (2010, p.41), reconhece que “o interesse dos povos indígenas pelo ensino superior está relacionado à aspiração coletiva de enfrentar as condições e marginalização”[...], a educação superior como “ferramenta para promover suas próprias propostas de desenvolvimento, por meio do fortalecimento de seus conhecimentos originários, de suas instituições e do incremento de suas capacidades de negociação, pressão e intervenção dentro e fora de suas comunidades”. Então, a universidade como aliada na afirmação partilha da crença de que há, no olhar estimado do outro,

## **SAHÁNO, TOHANÍKARO Y BU'ERÓ AHURÓ NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFRGS**

Século XX pe'tiró toho século XXI nikânó, Bu'esé wi'iseri po'terikaharã ditaré piti bikiapã tohó wero buekikarã bikiapã té mahkani, currículos mehkâ nisetisé y mehka bu'ese na weékê, pñiarô ukuse, toho weéna na pekásâha mahsíse mitikéré bu'enopã, sahatirô na po'terikaharã mahsâ na mahsíse topire bahusâ. Ná quadro Poterikarã bu'erí wi'iseri nhoókê toho piré ensino básico piti bikiapãii bu'esere: 2012 bueró censo yópã 2.954 po'terikaharã bu'eri wi'iseri niípã 26 estados brasileiros (pahiró bikiakaró nisa região norte, toré nisa 1830 ou 62% tó nipetiroré), nhapontoka 1.326 te'é bu'eri wi'iseri toó buero censo de 2022 niípã, biti bikiapã 100% niíkupã pñimukâ na weékê (Bergamaschi, Kurroschi, 2023).

Gerson Baniwa (2010, p. 41) ï'yã mahsí táhpikupí “po’terikaharã mahsâ na Ensino Superior bu'esínikâ na pahaná mahsâ me'rã yäpontopã ukuúpá na deró ï'yänó na'rê weépekaroré.” [...] tohó weéro educação superior niípã “po’terikaharã besû'niípã na basí bikiâ kunsé, toho wa'tero biki'ná mahsísemena tuhtuñasama, sî'ori dará a'mé sî'oro, teré ukuú me'rígí, ukuú tuhtuaró nisa po'peapi toho mahkani wiharo”. Tiita, universidade mani ba'pa ukuútamoaki, dîhkawaá heompeose, ahpí diakihî ï'yã poo'teôró, pahaná ameríndio mahsâ me'rã weesé, masí kahtisemena tuhtuanosa mani po'terikaharã yéê.

a possibilidade de construir ou reforçar a autoestima coletiva dos povos ameríndios, reforçando assim a sua identidade étnico-cultural.

Vale destacar que, apesar de todos os mecanismos de controle, estratégias de assimilação e violência empreendidas pelo Estado brasileiro, os povos indígenas nunca deixaram de lutar e defender sua cultura e identidade:

*Os povos indígenas, juntamente com suas lideranças e intelectuais, perceberam que, nesse contexto, somente o ativismo, a militância e a participação na esfera pública, como um movimento político-cultural organizado, possibilitariam resistência mínima a esse processo institucionalizado de colonização que se impôs verticalmente à sociedade brasileira em geral e aos povos indígenas em particular. (Danner et al., 2019, p. 7)*

Em 2022, o processo seletivo para mestrado e doutorado seguiu as políticas de ação afirmativa do PPGEDU/UFRGS, sendo o sistema universal; sistema de reserva de vagas (onde inscrevo); anexação da declaração de liderança, no meu caso, da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (FOIRN) e da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). A partir da abertura dos editais, o postulante indígena residente do território brasileiro realiza sua inscrição e é convidado a entrar na universidade, mas quem convida não está para receber.

O acesso dos estudantes indígenas no programa não depende somente da seletiva e da cota, acaba ocorrendo também de diversas formas, como acesso universal via

Até bahuasé nií, pehé mecanismo nhanunosé nimikátá, werê kahsásti'o yâ'asé tohó nikâ Estado Brsileiro nhaanó wekaró, na po'terikâhara mahsâ tohó nimikâtá ukuúm amekémâpâ tuú ka'mo ta'ápâ na teró nisetiro kahsé wena.

*Po'terikâhara mahsâ, tuxauva karamena na bikina mahsiná, ti'ó yâpâ, to'rê, na yâ kâré na anhunó ukuú me'rino disapâ na esfera publica, na ahporó weéró disapaâ político-cultural ahporó, tohó we'ró na kanó tutuaró disapâ na institucionalizado de colonização brasileirâ mahsâ nipetina na po'terikâhrâ mahsâ nané (Danner et al., 2019, p.7).*

2022 nikarê, mestrado y doutorado na í'yâ beseró keoró weé nopâ na política de ações afirmativas PPGEDU/UFRGS, titaré nií pâ sistema universal; sistema na po'terikaharâ dí'a keré (tó weé kahti); wiônâ na ohakaponi, Federação Indígena do Alto Rio Negro (FOIRN) tó Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) na oké yiñ kúukati. Editais paã kane, po'terikaharâ brasileiro ditá ninâ na weé'sínina, ohasé mena weé kahti, universidade ñ'sâ piñ nókati, na piñ napena poó'teri tima ñ'sâ né.

Po'terikaharâ bu'eki programa sahâná, te'é besesé te'é cota di'akihî mehta nií, ahpeyé weésé buhuá te'é universal sahâno tó vestibular sahâno toho nikâ mehêkâ projetos. Tohtá, pehé kumutasé baptisé nií: programa ações afirmativa anhuno mahsítiro;

vestibular e projeto diferenciado. Sendo assim, vem acompanhado de diversos impecados como a falta de compreensão do programa de ação afirmativa; afastamento do vínculo empregatício; questão financeira; gasto com deslocamento da comunidade para a universidade; a moradia; desafio de deixar o lar familiar; este último pode levar à desistência. A inclusão do estudante indígena no programa está longe de ser ideal, pois ainda é um espaço restrito.

Com o incremento de ações afirmativas, impulsionou a procura e entrada de indígenas nas universidades, além de se considerar a interculturalidade, é pertinente atentar-se ao diálogo entre as diferentes epistemologias e recriar espaços para essa troca de saberes, remetendo ao conceito de intercientificidade. A implementação de práticas e reflexões intercientíficas no âmbito acadêmico faz-se necessária para compreender o todo de maneira associada e global, sobretudo rompendo com a tradição da ciência eurocentrada que é vivenciada externamente no meio universitário e proporcionando o diálogo com diferentes sistemas de conhecimentos, tais como os conhecimentos indígenas (Little, 2002; Saes, 2012; Galdino, Ayres e Maciel, 2016).

O território universitário foi construído sob proteção de cultura dominante, um espaço excludente que impossibilita um acesso justo e igualitário. A efetivação de acesso de minoria no curso de Pós-Graduação não assegura a condição de permanência. Incluir estudante indígena sem garantias seria excluir do programa, não teria possibilidades concretas de avançar, progredir e concluir. Permanência ainda se torna um desafio, além de enfrentar

daraseré tohánikansé; wahápata móse; mahkanipí a'tikarã universidade ehtá peosé; wi'í niahtó; ahkawerena duusé; a'tóré kíí dukabosami. Po'terikê bu'ekí programa soneosé yoaropi ãyúnó waró dísä, toré diosá nií hopí.

Ações afirmativas bikárómena po'terikáhará tuhtuaró waápá hamapá sahápá universidade popeapi, tohó niká pahaná mahsá mena ukunsé, anhunú yá koteró nisa na ukunsé ahpena mahsá na mahsisé keoseré até na ninó wateró masisérê anhunó dohka yu'sé, tohó weró na unkusé maisérê intercientificidade pihisuma. Na weésé kunsé até intercientificidade ti'ó yá'asé academia popeapi keoró ti'ó káro ya'ro weesa niípetito imikohó niropí, na diporocana surunopá ciência-eurocentrada na eheösere na universitário nisetiró ninó popeapi nané pehé ukunsé mehká hapena mahsá masisé sistema pihisuma, te'é mena po'terikáhará masisé (Little, 2002; Saes, 2012; Galdino, Aires e Maciel, 2016).

Universitário ditá na darakaró pekásaha na tuú ka'mó ta'ákaró nií, toho weéro anhuno tohó niká ahpí weroró saháno diosa nií. Na po'terikahará keoró saháno bu'esehe Pós-Graduação, na 'ré yuhúpi anhunó namé kuáhto maní. Po'teriké bu'ekí keoró weéntima programa sahá duhtiró veronó niiká, tohó wero diaki waase maní, buhkease tohó niiká pe'osé. Na tohakearó diosase nií, tohó niká yá'áse pihsusé, na niiká ti'ó mahsánké tohó nika na po'terikahará mahsíseré tisatisama.

preconceito, discriminação e desrespeito ao saber indígena.

Enfrentar o mundo acadêmico foi para escutar e ser escutado, para dizer quem sou e o que quero ser. Deslocar para a UFRGS foi uma decisão difícil, pensada coletivamente em família, prevaleceram minha vontade e maturidade em buscar formação pessoal e profissional em prol do coletivo Tukano.

Em Taracuá residiram, quando em vida, meus ancestrais, o conhecimento de tradição cultural, ciência, narrativa, cosmologia e sabedoria vem dessa localidade, lugar das minhas raízes. Deixar esse lar não foi fácil pela distância a ser percorrida (22 horas); é o local central da pesquisa de tese.

Acadêmico imikhó yápoteose weéki a'tikatí na yi'í ti'ó té napena yi'íré ti'ónasama, noã niití yi'í nisa tohó nikā nhâmi níkisari yi'í. UFRGS a'tiró diasaró nikatí, yi'í ahka werenamena ukuú kati, yi'í a'tisínikaro, mahsí weéronó bikiasiniki té darasere weéki dahseá mahsâne weéki a'tikatí.

Taracuá mahkā, yi'í nhehkisimíá kahtíkupá, kahtiró mahsíkatise, ̄sá bu'é mahsíse, kihti, imikohó deró nisetiro toho weékā ̄sá mahsíse, a'ti mahka karse pehé mahsíkatí, yi'í mahsakaró nií. Ti mahka duúkatiro diosaro waá kati 22 horas yoá yi'í Tese anhunó hamásiaropi nií.

**Figura 1.** Percurso de Taracuá, AM para Porto Alegre, RS



**Fonte:** Produzido pelo autor, 2023.

Realizo seletiva para *bolsa de estudo*, mesmo estando atrelada a classificação no processo seletivo e cumprir o quesito relacionado ao mérito, fui contemplado pela CAPES (após 06 meses) sendo o apoio essencial para permanência no programa e útil para custeio pessoal e na despesa com alojamento (como na segunda passagem na UFRGS), alimentação, aquisição de notebook, livros, além de custear passagem aéreas, pesquisa de campo e partilha junto ao povo.

Quanto à *moradia*, permaneço na Casa do Estudante Indígena com apoio da minha professora orientadora e do doutorando Guarani, hoje doutor, tendo que readaptar a cultura, o frio, a alimentação e outros acontecimentos com naturalidade. A universidade acolheu, no primeiro momento, proporcionou moradia, bolsa de estudo e Restaurante Universitário (RU); a longa fila dificultava o acesso. Representei com naturalidade a cultura tradicional do povo Tukano através de roda de conversa.

A permanência no programa, apesar de ser um desafio, representa um lugar de destaque e de expansão do saber indígena à sociedade envolvente. Para isso é necessária a inclusão integral que não facilite apenas a entrada do estudante indígena, mas assegure assistência necessária para o sucesso acadêmico.

## CASA DOS ESTUDANTES INDÍGENAS – CEI NA UFRGS

*"Hoje estou na CEI - Casa do Estudante Indígena da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma conquista que demarca a UFRGS como território indígena."*

Woie Kriri Sobrinho Patté (do povo Xokleng)

Toho Bu'eró ahuro besé weéropi wekatí, na senikê niikii yí'tí nií kamó ta'áno, tohó weéki yí'ri kati CAPES (06 meses beró) yí'f programa tohakearó anhunó te'é mena, yí'f duro ohoó, kaninó tuhkú wahpayéé tó me'rā (UFRGS ahpétiro ninó ehtatikaki), ba'áse, notebook duro, papéra bu'eri turi, toho nikā, wíipíhi waasé wahpayéé, anhunó hamansé paá toho nikā ahkawerena me'rā dihkawaaro.

Yí'f wi'í ehagi tí Po'terikaharã Bu'ená Wi'í ehá, buegó yí'f weré kahsagó kíi doutorando Guarani, ni'kaá duturo, nií ahpóró na yé'ê mahsí kahtiroré, yísíaro, ba'ásé toho niká ahpeyé sahtiró ahpó kíi. Universidade poo'téri, nimitagi titá piré, kaninó tuhkú o'owá, universitário pâ Ba'áró (RU), pahaná bu'ena niká saháno diosá. Keoró darseá yí'f heompeó mani mahsísera namená ukuú.

Programa tohakearo, diosamikátá, tuhtuarómena nií ninó, ũ'sá po'terikaharã mahsísera bikiá na perkasá mahsá nimikatá. Tó sahá niíkano mehta yá'á, ũ'sá niípetiró anhunó nisetiseró yá'á temena anhunó bu'ésé acadêmico peobosá.

## PO'TERIKAHARÃ BU'ENA WI'Í – CEI UFRGS

*"Ni'kaá a'tó CEI – Po'terikaharã Bu'ená Wi'í Universidade Federal do Diá Pahiró Siró nií, niká a'tó po'terikaharã ditá tohá UFRGS ũ'sá yeerineká."*

Woie Kriri Sobrinho Patté (Xokleng mahsá)

O CEI foi uma conquista de luta dos estudantes indígenas Kaingang, Guarani, Xokleng, com apoio de lideranças como dona Iracema Gatéh e Kretã Kaingang, além de professores e estudantes simpatizantes da causa. Segundo Patté (2023), no dia 24 de março de 2022, um dia após terem sido informados de grande notícia, na antiga creche da UFRGS, foi marcada uma visita à nova casa para o dia 31 de abril. Porém, foram surpreendidos por grande temporal, com chuvas e vento muito fortes, molhando barracas e todas as suas roupas. [...] Diante disso, o coletivo de estudantes indígenas tomou a decisão de antecipar a ocupação da nova casa. E assim fizeram, enfrentando a resistência de pessoas da gestão da universidade. [...] Foi uma noite tensa, mas enfim em casa, mesmo que todos tivessem que dormir no chão, estávamos dentro de um teto. [...] Muita coisa ainda precisa ser feita e muito a ser conquistado na universidade, como ter o primeiro de muitos professores indígenas concursados. (Patté, 2023).

Como diz a estudante Tailine: “É um local adequado para nós, principalmente, para as nossas crianças”. Continua dizendo: “É um momento especial para nós. Essa é uma demanda antiga, anterior à ocupação, pelo menos 10 anos. Tivemos que realizar essa ocupação para que realmente pudéssemos obter os nossos direitos aqui na Universidade”.

Atualmente, o CEI fica na responsabilidade da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UFRGS), que dá condições de permanência, auxílio estudantil e conclusão de curso de graduação, bem como

CEI ū'sā amenkêukunsé po'terikarã bu'ena Kaingang, Guarani, Xokleng, wiôná yâa tuú koô bikeó Iracema Gatéh kñ̄ bikí Kretã Kaingang, toho niükâ bu'egó na bu'ena weétamupã. Patté weérepí (2023), 24 de março de 2022, nikanîmí beró na werevâ pahairó kihti, diporópi creche UFRGS níka wi'i, ū'sâ i'yâ sihá'tó mama wi'i cumpâ 31 de abril de 2022. Toho nikâ, pahirohó ahkôro pehapâ, wi'rô tuhtuâ'rô me'râ, wi'i seriakâ puutipâ toho níkâ na yé'e sutirí [...]. Toho beró, ū'sâ po'terikarâ pahaná bu'ená ti'o ū'ya mahsípâ sahâpâ mamá wi'i ré. Toho, ū'sâ yi'riapeapâ weé poteosé me'ra weepâ na universdade wiôná nikanane. [...] pití vioró waápâ nhamine, na wi'ípi niró anhupâ, toho nikâ nohkúka kanipâ, wi'i pôpeapi nitahpâ [...]. Pehé weró disaá ohoopi toho nikâ pití ukuntuhuaró disaá universidade me'râ, maniné disaá po'terikê bu'elkî nimítakí concursado kioró (Patté, 2023).

Tailine bu'egó a'tiró ninó : "a'tó ū'sâ ninó anhu nií, toho nikâ ū'sâ wimanane. Toho nimó : ū'sâ ne anhupunikâ nikano piré. ū'sâ pití ukuamekepâ, 10 kímarí yí'riá. ū'sâ ninó sahá níkaró maniné keoró nií mani tuhtuaró mena dara katikê keoró waá nikane universidade popeapi nií".

Ni'kaáre, CEI ré i'yâ niro Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UFRGS) nií nané tohakearó kûma, bu'ená ahpataró ohoóma, graduação bu'ero tu'â ehani'koró anhuú, nané ohoóma

apoio financeiro e administrativo para o funcionamento da moradia. Internamente a CEI fica na responsabilidade do Coletivo de Estudantes Indígenas da universidade (UFRGS).

## A PROFICIÊNCIA, LUTAS E DESAFIOS DOS ESTUDANTES INDÍGENAS

O ingresso de indígena pelo sistema de cota no PPGEDU/UFRGS é um avanço expressivo, porém a questão de moradia e de bolsa se torna motivo de lutas e de desafios. A precariedade do CEI, a demora na reforma, a superlotação, onde acomodar o estudante indígena que se desloca de outra região do Brasil, do município próximo e distante da capital, Porto Alegre. O CEI é um espaço para graduando e não para o estudante da pós-graduação.

Estudante de outra região necessita de moradia, apoio financeiro para seu custeio e suporte acadêmico. A moradia e a bolsa de estudo podem solucionar ou trazer problemas para a universidade e para o próprio estudante indígena, como a saúde mental, a luta pela vida e a desistência do curso.

Em 2024, participei da eleição da reitoria da UFRGS, pela primeira vez sendo recebido pela reitora e pelo vice-reitor.

A Resolução Nº 001/2018/COMPÓS, institui o exame de proficiência em Língua Portuguesa como adicional para estudante indígena e estudante surdos, assim determina:

*Art.1º - Diante do reconhecimento dos direitos linguísticos de indígenas e surdos que não têm o português como primeira*

*ahpataró tohó nikã wi'í ū'yâ nirosé. CEI po'peapi Po'terikáhará Bu'ena Kura universidade (UFRGS) karã duti.*

## A PROFICIÊNCIA, TUHTUASÉ IERESÉ PO'TERIKAHARÃ BU'ENA

*Sistema de Cotas PPGEDU/UFRGS po'terikaharã saháno keoró wa'á, toho niká ninó te'é ahuró ukuúamekésé wa'á. CEI ahpóró ū'yáro weé, yoakã na ahpáturí weesé, pahana nisé, toho niká noópi po'terikaharã bu'ena kuúnósare ná Brasil ahpeyé mahakí yaorópi a'ti karã, capital de Pehtá Ekatí pí'toaka nina toho nikã yoaropíkarã a'tikana. CEI ni'kaáré graduados kahana nino nií toho weéro pós-graduação nií mahsítima.*

*Ahpeyé mahkã a'tina na niatóre yama, na yé'ê duusé toho nika acadêmico weétamusé. Ná niató toho nika ahuró bu'eró anhunó nisa te'é na nhaänó mitisá universidade ré ná po'teriké bu'ekí toho'tá dohpoá nhaásé ti'ó ū'yásé, kahtiró anhuno nisetiro toho nikã bu'esehe koanró.*

*2024, UFRGS wiokí ohâ sansé tamukatí, titaré wiôná me'râ neê ukuúpâ ū'sâ niípâ ukumita'karã reitora toho nikã vice-reitor anhuno poten'i'wã.*

*Resolução Nº 001/2018/COMPÓS, tó pí nií proficiência em Língua Portuguesa ti'ó ū'yâ'a beseró ná po'terikaharã bu'enane toho nikã bu'ena ti'ó tinané, a'tiró duhti:*

*Art. 1º A'to ū'yâ mahsínoró diakikisé po'terikaharã uúkusehe ná ti'otina português ukunó imi'tanó moná,*

*língua de socialização, fica estabelecido que será facultada a esses estudantes a realização de proficiência em português como língua adicional.*

Na Sala de Saberes Indígenas com Dr. Bruno Kaingang sobre a proficiência em Língua Portuguesa, quando perguntado assim, afirma: "Parente Tukano, para nós indígenas a língua Portuguesa é uma língua estrangeira, é nossa segunda língua. Eu falo língua Kaingang, você fala língua Tukano, Israel deve falar Guarani e Woie fala língua Xokleng. É simples assim". A proficiência ajuda na permanência no programa, quando aprovado, sendo uma das exigências acompanhadas de publicação de artigos, organização de livro, conclusão de disciplinas com 30 créditos, estágio de docência e outras. A permanência conta com rede de apoio e interação social coletiva indígena, no fortalecimento pessoal, na força e na persistência na busca do objetivo.

### A CONEXÃO DAS DOCENTES COM ESTUDANTES INDÍGENAS DO PPGEDU/UFRGS

A conexão inicia-se indiretamente na escolha de futuro orientador no período de inscrição, concretizando-se com aprovação. Dr. Bruno Kaingang não se chama de orientador/a, ele expressa que se orienta para quem está desorientado, conselheira/o como pessoa que auxilia. O papel do professor orientador(a) é importante para nosso caminhar, tendo a função de fazer a ponte de construção de uma relação de respeito à diversidade, tornando o ambiente mais plural e humano.

*a'tó duhtí bu'ena weése paã na proficiência em português na'rê ukunó nemórō nií.*

Po'terikarã mahsísé tuhkú'pi Dr. Bruno Kaingang proficiência em Língua Portuguesa senitianká to'pi tuhnimi: "Ahka'werí tukano maniné po'terikarã português ukuró nií maniné ahpena yé'e nií mani ukunsé peró'pi niró nií. Yiñ Kaingang ukuú, miñ Tukano ukuú, Israel Guarani ukuú mahsímí kí Woie Xokleng ukuúmí. A'tiró nií maniné". Proficiência programa tohakiaró weé'tamó, anhunó weékeosé, pehé nií na seni'se a'té nií artigo ohoasé, paperá turi si'örí weesé, 30 bu'ese ehô peóssé, mahsíse buenosé, apeyé nisa. To'ó tohakiaró pahaná po'terikarã utamunsé, mahsí tuhtuaki, wákú tutuaró toho niká, ahpturi wee'káse na weé'se.

### A'MÉ DO'OSÉ DUTURA NUMIÃ PO'TERIKARÃ BUENA PPGEDU/ UFRGS

ĩ'sã ti'o ỹ'ã a'mé do'ose pi to beró werê kaší besé niка wamé kúnkâ níkásépi ĩ'sã yeerikâpi. Dr. Bruno Kaingang toho píhsutimi, kí matinané werê kasa mani, anhunó autuúkî mahsí wetamukî nimi. Bu'ekí werê kaší kí darató ĩ'sã ti ma'ã waha toré anhú, kí nimi ĩ'sa anhunó daratamu ukuú'ãki toho nikare pahaná wa'ateró ehô peoki, to mahsã me'rã anhunó nibosá.

Ati'ro nisa po'terikâhar'bu'enané Universidade Federal da Integração

É assim que parte dos estudantes indígenas da UNILA, apoiados por um pequeno número de docentes, técnicos e técnicas que reconhecem a importância e responsabilidade da educação intercultural, abrem “brechas” no muro construído pela desigualdade social dentro da própria universidade, em suas múltiplas manifestações: socioeconômicas, culturais, políticas, linguísticas, religiosas e ideológicas. Isso tem ocorrido pela retomada de suas trajetórias de vida de maneira autoetnográfica, pela construção de respostas científicas às demandas de seus territórios de origem e ainda pela ênfase na reparação epistêmica, formas de resistência que precisam ser sublinhadas (Angileli, Assunção e Oliveira, 2025, p.190).

As professoras doutoras do programa deixam o ambiente de interação pacífico, através da oferta de suas disciplinas, oportunizam compartilhar o saber com diálogos interculturais, formando um corpo de aprendizagem coletivo. No programa apodero as teorias acadêmicas ocidentais, em contrapartida, compartilho com o grupo a teoria/prática de conhecimento tradicional indígena (Tukano) que no olhar do mundo acadêmico é conhecida como algo folclórico, lendárias e mitológicas que existem somente no imaginário indígena.

Como dizem Maia e Farias (2020):

*Criou-se a ideia de racionalidade e de ciência como fenômenos exclusivamente europeus; os demais conhecimentos eram considerados mágicos e míticos, relegados a uma categoria inferior e não racional, apagando a história de civilizações com vasta tradição anterior, Maia-Asteca. (p. 589)*

Latino-Americana (UNILA), nané nhapeosamá buegó muniá, técnicos e técnicas naré pití wahkú heopeomá tohó nilkā na educação intercultural nisé, tó'pí paani na ninó watero na desigualdade social na universidade popeapi weé darakê, na dikesé weké: socioeconômico, culturais, políticos, linguísticos, religiosos e ideológicos. Na weépá deró kahtiro kahsé nikê, mahsise, tohó autoetnográfico pihsuma, teé daranopá masisé científicas ietiseré ukunseré mena po'terikâharã na yá ditá mahsakaropi téé ênfase epistêmica ahpôkê, deró tuhtuakê anhunó yã'pô katiró. (Angileli, Assunção e Oliveira, 2025, p. 190)

Na bu'ego karã dutura numiã programa niná, namena niatóré anhunó hérionpa tió ūyano kuma, na bu'esé wateroré namena ūsá ukuú mahsisé, ūsá keoseré namena díkawã, parna wateró buenó. Tó programa piré ūsá bué nikã na pekâsáha na acadêmicas mahsisé, toho nikane, mitií, naâ né, ūsá po'terikarã dipokâpí mahsí mimiatikê (Tukano) ukuú toho weró acadêmico imikohoo ūyá 'ano mani mahsísere a'tiró pihsúma teré bahsasé, kihti, waí mahsá po'terikarã wahnusé'pi nisé nisa. A'tiró Nimã Maia e Farias (2020):

*Masó nopá teé tió yá'asé té masísé nipá europeus na diaki keosé, apeye masísé po'terikará yé kihtí na weressé werónó nipá tohó wero a'té masísé dokâpí nipá tuú ká'mo ta'anopá tohó weró anhunó tió yá'asé weró nitipá, té mahsá yeré kihtí tuú koé nopá na dí'pokâkñi na masísé Maia-Asteca diporó na keókê. (p.589)*

A presença no programa permitiu que os docentes ofertassem disciplina voltada para assuntos ameríndios e outras metodologias de pesquisa, além de palestras, seminários externos, muitos deles remotos, trazendo professores externos renomados com vastas experiências. Dominar as línguas estrangeiras, espanhol e inglês, para realizar diálogos é um dos grandes desafios. Através das professoras, hoje integro o Grupo de pesquisa PEABIRU: Educação Ameríndia e Interculturalidade e a Associação Sul-Americana de Filosofia e Teologia Intercultural (ASAFTI), coordenando o eixo temático: Culturas Ameríndias.

Estar no programa envolve não somente a titulação, mas abrir um diálogo entre a ciência acadêmica ocidental e a ciência indígena. A presença na universidade nos anima e enche de esperança por um mundo igualitário e justo, mas também por espaço que acolhe, soma e agrega, pois se sonha por uma universidade pluriracial que seja capaz de contribuir na luta contra o racismo e a violência epistêmica. Que o PPGEDU disponibilize o acesso à bolsa de estudo e moradia, pois sem elas é impossível a permanência. Que a UFRGS possa garantir uma universidade inclusiva e enriquecedora para todos. Aos professoras doutoras do programa, minha orientadora, obrigado por ter acolhido, que continuem lutando pelos seus propósitos que não podem parar, contamos com as parceiras.

Portanto, os desafios descritos demonstram a resistência, a luta e a força dos povos Tukano, Guarani, Kaingang e Kubeu

Programa popeapí nikā tó bu'ésere na ukuú á'teré ameríndios kahsé nií te'ê me'rā áhpeyé me'rā anhunó hamansé weése toho nikā pahaná wa'ateró ukuúnsé, ahpena mahsá me'rā ukuú, a'té ahpetéró yoaró pí'tó me'rā ukuúnsé, bu'egí apé ditá kíñ niné pehé mahsíse kioná niimá. Apé'na uúkusehe mahsínó espanhol, inglês tá, toho weékí ahpena me'rā uukú á'to nimi ūsá né pahí'ró diosá. Bu'egó'kará wa'teró, anhunó hamansé PEABIRU: Educação Ameríndia e Interculturalidade, Associação Sul Americana de Filosofia e Teologia Intercultural (ASAFTI) a'teré ukuú: Cultura Ameríndias.

Programa ninó titulação nheénó di'akí mehtá nií, ukuúse paã'nó nií to'ó decopí perkasaçá acadêmico mahsíse mani po'terikahará mahsíse. ūsá a'tó universidade nina ekatí a'tó imikohoo nipetina nikánoro weéró heompeóro disa, ūsá ninó anhunomena poteninó anhunró weétamuse disa, ūsá universidade nipetina mahsá ayunó ehó peosé ninó disa, ūsá ukuú amekense weé tamunó disa ahpero maniné yânó nipetiró toho nika díporopiré na yanó weé mahsikére. PPGEDU ūsá sahánikano bu'eró ahurú obosama toho nika ninó, a'té manikane tohakiaró diosanií. UFRGS kumbosa nikanó universidade nipetina anhuno heopeoro ninó nipetina bikiaró. ūsá buegó numiã duturua programa niína, yíñ weré kahsagó, ehaká misá poteníwê anhuú misá ukuú amekése weé'kanha duutikanha teré, ūsá menakárá nií.

A'tiró weró, a'tó ierépease ohoaké ūyó na piti tutua kease, a'me këesehé na po'terikahá Tukano, Guarani, Kaingang

em defesa de seus saberes, modos de ser e viver, sem inclinar-se à matriz colonial e apontando a existência de outros saberes, outros modos de ser e outras formas de interpretar o mundo são possíveis. Assim, mostram possibilidade de transformar a universidade da UFRGS e outras em um espaço de afirmação identitária dos povos.

toho nikā Kubeu tuútuasé tóhó weéna tuú ka'mo ta'ama na masísé, na dero nisetiró na katíro, mu'ri ke'áró maninó a'té matriz colonial niíró to'pí yúú pu'ánó hape'yé masíse niísere, ape'yé deró nisetiró apé'yé anhúnó imikohó werê kasaró basióse. A'tíró, buhúse basió universidade UFRGS dohóro tohó ninó wateró mahsã deró na nisetisere heoperó nií.

## REFERENCIAS

- Angileli, C.M.M.M.; Assunção, S.B.; Oliveira, A.M.D. (2025). Estudantes nas universidades periféricas e seus desafios na educação superior: o caso da UNILA. *Revista Memória em Rede*, 17(32), 190.
- Backes, J.L. (2022). La presencia de indígenas en la educación superior: una estrategia de afirmación de las identidades. *Revista Contrapontos*, 22(2), 20-30.
- Belfort, S.A.I. (2023). *Tra(n)cando Caminhos: A História de Vida de Andila Kaingang* [Tese de doutorado não publicada]. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bergamaschi, M. A; kurroschi, A. R.S.(2013). *Estudantes Indígenas no Ensino Superior: o programa de acesso e permanência na UFRGS. Políticas Educativas*, 6(2), 1-20.
- Danner, L. F.; Dorrico, J.; Danner, F. (2019). Em busca da terra sem males: violência, migração e resistência em Kaká Werá Jecupé e Eliane Potiguara. *Estudos iterários brasileiros contemporâneos*. 58, p. 1-17.
- Domingos, A.(2022). *Entre Territórios e Territorialidades Originárias: A Resistência Kaingang Frente às Violações dos Direitos Indígenas no Sul do Brasil* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Ferreira, B. (2023). *Ún si ag tú pê ki vénh kajrânran fã – O papel da escola nas comunidades Kaingang / Bruno Ferreira; prefácio de Gersem Baniwa; Maria Aparecida Bergamaschi. I ed. CirKula.*
- Galdino, J. R. V.; Ayres, O. M.; Maciel, W. (2016). Recriação de espaços dos saberes tradicionais na educação escolar indígena e na educação superior indígena. Em: *Seminário Internacional da Rede Casla Cepial*, 7, 2016, Rede Casla-Cepial. 1-4.

- Globo G1 RS. (30/03/2022). *UFRGS anuncia criação de casa estudantil para indígenas em Porto Alegre*. Portal de notícias da Globo. <https://tinyurl.com/5wafdsz3> Acessado em 25 de fevereiro de 2025.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Censo Brasileiro*. IBGE. <https://tinyurl.com/4a3vwnp6>
- Imprensa Assufrgs (2024). *Primeiros professores indígenas são empossados na UFRGS*. <https://tinyurl.com/5y6j3ez2>
- Jornal da UFRGS (16 de dezembro de 2020). *Entrevista com o Primeiro Doutor Indígena da UFRGS*. Radio Jornal da UFRGS. <https://tinyurl.com/y8kp8c4n>
- Kaercher, G.E.P.S.(2020). Ações Afirmativas, Reparações e (Re) Invenção de Espaços acadêmicos: você se atreve a abandonar o medo? Em: Graduação [recurso eletrônico] / Dandara Rodrigues Dorneles ... [et al.] organizadores; prefácio de Nilma Lino Gomes. – 1. ed. –CirKula 247 p. il. 23-26.
- Lei 12.711 (2012). Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasil, Diário Oficial da União.
- Little, P. E. (2002). Etnoecologia e direitos dos povos: elementos de uma nova ação indigenista. In: Lima, A. C. S.; Barroso-Hoffman, M. (org.). *Etnodesenvolvimento e políticas públicas: Bases para uma nova política indigenista*. Laced, pp. 39-47.
- Luciano, G.J.S. & Freitas Luciano, R.R. (2020). *Ingresso de indígenas na educação superior no Brasil. Um ensaio panorâmico*. Revista del CISEN Tramas/Maepova, 8 (2), 175-195.
- Luciano, G.J.S. (2013). *Educação para o manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real*. Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. Contra Capa; Laced.
- Luciano, G.J.S. (2010). *Educação Escolar Indígena: Estado e Movimentos Sociais*. Revista FAEEBA, 19(33), 35 - 49.
- Menezes, M.M. & Porciúncula, V.R. (2024). *Vozes negras e indígenas: caminhos para educação antirracista e intercultural* [recurso eletrônico]. CiRKula. <https://tinyurl.com/36e8kkvk>
- Patté, W.K.S. (2023). *Escola Indígena Diferenciada: retomando a educação Xokleng*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. <https://tinyurl.com/4y48jr7z>

- Pinheiro, I.S. (2024). *Arandu: a pedagogia Guarani das pelas palavras*. [Tese de Dou-torado no publicada]. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Portal das Missões. *Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul: os indígenas*. Portaldasmissões. <https://tinyurl.com/2j9fxurj>
- Portaria nº 34 (2020). *Dispõe sobre as condições para fomento a cursos de pós-graduação stricto sensu pela Diretora de Programa e Bolsas no País da CAPES*. Brasil, Diário Oficial da União
- Ribeiro, L.E.L & Bergamaschi, M.A.(2022). *Ações afirmativas no ppgedu/ufrgs: O ingresso de estudantes negros favorece outros modos de narrar?* 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. ULBRA.
- Ramos, A.R. (2023). Intelectuais indígenas abraçam a antropologia. Ela ainda será a mesma?. *Anuário Antropológico*, 48 (1), 11-27.
- Ramos, R.C.R.(2021). *Kubai o encantado: Literatura Infantil Indígena em foco*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. <https://tinyurl.com/ytxnhz6m>
- Reinholz, F. (22.jul.2023). É fundamental a ocupação da universidade", diz a primeira doutora indígena da UFRGS. Brasil de Fato (BdF) RS. <https://tinyurl.com/3zwtvtmz>
- Saes, D. A. M. (2012). Interdisciplinaridade e intercientificidade. *Educação & Linguagem*, 15(25), 255-265.
- Smith, L. T. (2018). *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Tradução: Roberto G. Barbosa. UFOR, 239 p.
- Silva, P.B.G. (2020). Considerações provocadas pela obra reafirmando direitos: cotas, trajetórias e epistemologias negras na pós-graduação. *Em: Reafirmando direitos: cotas, trajetórias e epistemologias negras e quilombolas na pós-graduação [recurso eletrônico] / Dandara Rodrigues Dorneles ... [et al.], organizadores; prefácio de Nilma Lino Gomes. – 1.ª ed. –CirKula. 247 p.: il. 211-212.*
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação. (26 de fevereiro de 2025). *Histórico da Faculdade de Educação*. UFRGS/FACED. <https://tinyurl.com/mrt5prey>

## NOTAS

- 1 Batismo Tukano denominado: “*guardião das portas do universo*” e Osmar do batismo colonialista.
- 2 BOABA: inspiração para enraizamento de políticas afirmativas em Programa de Pós-Graduação, com financiamentos da CAPES.